A MARGEM DA VIDA

TENESSEE WILLIAMS

A MARGEM DA VIDA foi montada pela primeira vez por Eddie Dowling e Louis J. Singer, o *Civic Theater*, de Chicago, no Estado de Ilinóis, em 26 de dezembro de 1944 e no *Playhouse Theatre*, de Nova York, em 31 de março de *1945*, com o seguinte elenco:

A MÃE	Laurette Taylor
O FILHO	Eddic Dowling
A FILHA	Julie Haydon
O CAVALHEIRO DE VISITA	Anthony Ross

CENÁRIO E ILUMINAÇÃO de Jo Mielziner

MÚSICA ORIGINAL ESPECIALMENTE COMPOSTA por Paul Bowles

MONTADA por Eddie Dowling e Margo Jones

OS PERSONAGENS

AMANDA WINGPIELD *(a mãe)*
Uma mulherzinha de grande mas confusa vitalidade, que se apega freneticamente a épocas e lugares passados. Sua caracterização deve ser criada cuidadosamente e não copiada de um modelo típico. Embora ela não seja paranóica, sua vida é uma paranóia. Amanda merece nossa admiração em muitos pontos, mas em outros nos desperta amor, piedade e, com a mesma freqüência, o riso. Sem dúvida ela possui fibra e uma espécie de heroísmo e, apesar de sua tolice torná-la muitas vezes inconscientemente cruel, sua figura franzina encerra muita ternura.

LAURA WINGFIELD *(sua filha)*
Amanda, tendo fracassado ao tentar estabelecer contacto com a realidade, continua a viver, vitalmente, no mundo de suas ilusões, mas a situação de Laura é mais grave ainda. Uma enfermidade tornou-a aleijada desde a infância, com uma perna ligeiramente mais curta do que a outra. E1a usa um aparelho. Este defeito físico deve ser sugerido sutilmente no palco: é o quanto basta. O isolamento de Laura, derivado destas circunstâncias, cresce até que ela se assemelha a uma peça de sua própria coleção de vidro, com uma fragilidade demasiado extrema e requintada, que a impede de abandonar a prateleira em que se colocou.

TOM WINGPIELD *(filho de Amanda)*
É também o narrador da peça. Um poeta que trabalha num empório. Sua índole não é inclemente, mas para fugir de uma cilada ele é forçado a agir sem piedade.

JIM OCONNOR *(o cavalheiro de visita)*
Um rapaz simpático, comum.

CENÁRIO

UM BECO EM SÃO LUIS

PRIMEIRA PARTE — Preparativos para a visita do cavalheiro
SEGUNDA PARTE — A visita do cavalheiro

ÉPOCA: O Presente e o Passado

CENA I

O apartamento dos Wingfields é nos fundos do edifício, uma daquelas vastas conglomerações, semelhantes a colmeias, de unidades residenciais celulares que brotam como verrugas cancerosas nos centros urbanos superpovoados da classe média inferior e que são sintomáticas da tendência desta parte majoritária e fundamentalmente escravizada da sociedade americana a evitar a fluidez e a diferenciação, para existir e agir como uma massa heterogênea de automatismo.

O apartamento dá de frente para um beco e tem como entrada uma escada de incêndio, uma estrutura cujo nome lhe dá um toque de verdade poética acidental, pois todos esses enormes edifícios estão sempre ardendo nos incêndios lentos e implacáveis do desespero humano. A escada de incêndio está incluída no cenário — isto é: seu lance e os degraus que descem dele.

O cenário é evocado pela memória e, portanto, não é realista A memória toma muitas liberdades poéticas: omite alguns detalhes, exagera outros, de acordo com o valor emocional dos pontos que toca, já que a memória está localizada predominantemente no coração. O interior, conseqüentemente, deve ser um tanto impreciso e poético.

Ao erguer-se a cortina, o público tem diante de si a parede dos fundos da moradia dos Wingfields, uma parede escura e soturna. Este edifício, disposto paralelamente às luzes da ribalta, está flanqueado em ambos os lados por becos escuros e estreitos que correm por dentro de canyons. Soturnos de varais de roupa emaranhados, latas de lixo e o sinistro rendilhado de ferro das escadas de incêndio vizinhas. É através destes becos laterais que todas as saídas e entradas se fazem durante a peça. Ao término do comentário inicial de TOM, *a sombria parede do apartamento revela (por meio de um véu transparente) o interior do apartamento dos Wingfields, no andar térreo.*

Na parte da frente do palco está a sala de visitas, que serve também de quarto onde LAURA *dorme, num sofá-cama. Na parte de trás do palco, à direita, e dividido por um amplo arco ou segundo proscênio com reposteiros (ou uma segunda cortina) transparentes e desbotados, encontra-se a sala de jantar. Sobre uma estante aberta de todos os lados e de gosto antiquado, na sala de visitas,*

podem-se ver animaizinhos de vidro, transparentes. Uma fotografia ampliada do pai está pendurada na parede, de frente para o público, à esquerda da arcada. Vê-se o rosto de um rapaz muito bem apessoado, que usa um boné do regimento de infantaria americana da Primeira Guerra Mundial. Ele sorri com garbo, sorri irresistivelmente, como se quisesse dizer: "Sorrirei eternamente."

O público ouve e vê a cena inicial na sala de jantar, seja através da quarta parede transparente do edifício seja através dos reposteiros transparentes de gaze do arco sobre a sala de jantar. É no decurso desta cessa reveladora que a quarta parede sobe lentamente, desaparecendo. Esta parede transparente exterior só será baixada novamente bem no final da peça, durante a fala final de TOM.

O narrador é uma franca convenção da peça. Ele toma quaisquer liberdades com a convenção dramática que convenham às suas intenções.

TOM *entra, vestido de marinheiro da Marinha Mercante, pelo beco, à esquerda do palco, e caminha sem pressa pelo proscênio do palco até à escada de incêndio, onde pára e acende um cigarro. Dirigindo-se ao público:*

TOM
É verdade, sou cheio de truques e escondo surpresas nas mangas de meu paletó. Mas sou o contrário de um mágico de teatro. Ele lhes dá unia ilusão com aparência de verdade. Eu lhes dou a verdade sob o disfarce agradável da ilusão.
Para começar, posso fazer o tempo voltar atrás. Faço-o retroceder até àquela época estranha, a década dos trinta, em que a imensa classe média dos Estados Unidos estava se matriculando numa escola de cegos. Seus olhos tinham falhado ou eles não souberam utilizá-los e, como conseqüência, estavam agora premendo seus dedos violentamente contra o incandescente alfabeto Braille de uma economia em desagregação.
Na Espanha havia uma revolução. Aqui, só alarido e confusão.
Na Espanha houve Guernica. Aqui, perturbações sindicais, às vezes bastante violentas, em cidades usualmente pacificas como Chicago, Cleveland, São Luís. . .
Este é o pano de fundo social da peça.

MÚSICA
A peça se compõe de memória.
Sendo uma peça de reminiscência, é iluminada fracamente, é sentimental, não realista.
Na memória tudo parece suceder ao som de música. O que explica os violinos que se ouvem nos bastidores.
Sou o narrador da peça e um de seus personagens também.
Os outros são minha mãe, Amanda, minha irmã, Laura, e um cavalheiro de visita que aparece nas cenas finais.
Ele é o personagem mais realista da peça, como emissário de um mundo real do qual, de certa maneira, nos tínhamos desligado.

Mas já que tenho a fraqueza dos poetas por símbolos, estou usando este personagem também como um símbolo: ele é aquilo que tarda tanto a chegar e por que ansiamos sempre, é a nossa razão de viver.
Há um quinto personagem na peça que não aparece, a não ser na fotografia de tamanho maior que o natural sobre a prateleira da lareira.
É nosso pai, que nos deixou há muitos anos.
Era um empregado da Companhia Telefônica que se apaixonou pelos lugares distantes, largou seu emprego e, mais rápido que a luz, com uma velocidade fantástica sumiu da nossa cidade.
A última vez que recebemos notícias suas foi quando nos chegou um cartão-postal com uma vista de Mazatlan, na costa do Pacifico, no México, contendo só duas palavras: "Olá! — Adeus!", e sem endereço.
Creio que o resto da peça se explicará por si. . .

(A voz de AMANDA *torna-se audível através dos reposteiros.)*

LEGENDA NA TELA: *"Où sont les neiges"*

(TOM *separa os reposteiros e entra na parte de trás do palco.)*

AMANDA e LAURA *estão sentadas diante de uma mesa de armar tipo borboleta. Sem alimentos nem utensílios, elas indicam somente por meio de gestos que estão comendo.* AMANDA *está de frente para o público,* TOM *e* LAURA *de perfil para o público.)*
(O interior iluminou-se de uma luz suave, e através do tecido da cortina vemos AMANDA *e* LAURA *sentadas à mesa na parte de trás do palco.)*

AMANDA *(Chamando)*
Tom?

TOM
Que é, mamãe?

AMANDA
Não podemos dizer a oração de graças enquanto você não vier para a mesa!

TOM
Já vou, mamãe. *(Ele inclina-se um pouco e retira-se, reaparecendo pouco depois em seu lugar usual à mesa.)*

AMANDA *(Para o filho)*
Meu bem, não *empurre* a comida com os *dedos.* Se quiser empurrar com alguma coisa, o que deve usar é um pedacinho de pão. E mastigue, mastigue! Os animais têm partes especiais do estômago que lhes permitem digerir os alimentos sem

mastigar, mas os seres humanos devem mastigar os alimentos antes de engoli-los. Coma com vagar, meu filho, e saboreie bem tudo. Uma refeição bem preparada tem muitos sabores delicados que têm que ser retidos na boca para serem devidamente apreciados. Portanto, mastigue bem e dê oportunidade às suas glândulas salivares de funcionar!

(TOM depõe de propósito o garfo imaginário e afasta sua cadeira para longe da mesa)

TOM
Não pude saborear nem uma garfada deste jantar por causa das suas constantes regras de bem comer. É você que me faz apressar as refeições com seus olhos de lince acompanhando cada bocado que ponho na boca. É asquerosa — estraga meu apetite — toda essa discussão de — secreções animais — glândulas salivares, mastigação!

AMANDA *(Com alegria despreocupada)*
Temperamental como uma prima-dona do Metropolitan! *(Ele se levanta e passa para a parte dianteira do palco.)* Ninguém lhe deu licença para se retirar da mesa!

TOM
Vim pegar um cigarro.

AMANDA
Você fuma demais.

(LAURA *levanta-se.)*

LAURA
Vou trazer o manjar.

(TOM permanece de pé junto aos reposteiros, fumando, durante o diálogo seguinte.)

AMANDA *(Levantando-se)*
Não senhora, não senhora – você será a sinhá desta vez e eu servirei de mucama.

LAURA
Mas já estou em pé!

AMANDA
Sente-se, filhinha — quero que você fique sempre viçosa e bonita para os cavalheiros que virão nos visitar!

LAURA
Não estou esperando a visita de nenhum cavalheiro.

AMANDA *(Dirigindo-se à* kitchenette, *com brejeirice)*
Às vezcs, eles vêm quando menos se espera! Ora, eu me lembro tão bem de um domingo à tarde em Blue Mountain *(entra na* kitchenette).

TOM
Já sei o que nos espera.

LAURA
Eu também, mas deixe-a contar.

TOM
De novo?

LAURA
Ela adora!

(AMANDA volta com a tigela de sobremesa.)

AMANDA
Numa tarde de domingo, em Blue Mountain — sua mãe recebeu. . . *dezessete* visitas de admiradores! Imaginem que às vezes não tínhamos nem cadeiras para acomodá-los todos! Tínhamos que mandar o negrinho buscar cadeiras de armar na casa do pároco.

TOM *(Ainda junto aos reposteiros)*
O que você fazia para entreter esses admiradores?

AMANDA
Eu era mestra na arte da conversação!

TOM
Ah, aposto que *falar* você sabia!

AMANDA
As moças do meu tempo *sabiam* falar, pode ficar certo.

TOM
Ah, é?

IMAGEM: *Amando quando mocinha, no alpendre saudando os visitantes*

AMANDA
Elas sabiam entreter os cavalheiros de visita. No meu tempo, não bastava que a moça tivesse um rosto bonito e um corpo gracioso — se bem que eu não ficasse devendo a ninguém nessas qualidades. Era preciso que ela tivesse também espírito, compreensão rápida e uma resposta para tudo.

TOM
Sobre que vocês falavam?

AMANDA
Das coisas importantes que se passavam no mundo! Nunca de nada grosseiro, ordinário ou vulgar. *(Dirige-se a* TOM *como se ele estivesse sentado na cadeira vazia junto à mesa, embora ele permaneça perto dos reposteiros. Ele desempenha esta cena como se a lesse num livro.)* Meus visitantes eram *gentlemen* — todos! Entre eles havia alguns dos mais eminentes plantadores do Delta do Mississipi — fazendeiros e filhos de fazendeiros!

(TOM pede, com um gesto, música e indica que um spotlight deve focalizar AMANDA.)

(Seus olhos brilham, seu rosto se anima, sua voz torna-se cheia, suave e elegíaca.)

LEGENDA PROJETADA: "Oú *sont les neiges"*

Um deles era o jovem Champ Laughlin que usais tarde se tornou vice-presidente do Banco dos Fazendeiros do Delta.

Hadley Stevenson, que se afogou no Lago Moon e deixou de herança para sua viúva cento e cinqüenta mil dólares em títulos do Governo.

Havia ainda os irmãos Cutrere, Wesley e Bates. Bates era um dos meus mais brilhantes e assíduos cortejadores. Meteu-se numa briga com aque1e rapaz desenfreado, o Wainwright Duelaram a bala no Cassino do Lago Moon. Bates foi baleado no estômago. Morreu na ambulância a caminho de Memphis. Sua viúva também ficou bem provida, herdou oito ou dez mil acres, e olhe lá. Ele se casou com ela por desilusão amorosa — nunca ligou para ela! — e estava com minha fotografia no bolso até na noite em que morreu!

E havia também aquele moço que era o xodó de todas as moças do Delta! Aquele belo, inteligentíssimo, jovem Fitzhugh, do Condado de Greene!

TOM
O que ele deixou para a viúva dele?

AMANDA
Ele nunca se casou! Meu Deus, você fala como se todos os meus velhos admiradores tivessem batido a bota, um a um!

TOM
Este não é o primeiro que você menciona que sobreviveu até hoje?

AMANDA
Aquele rapaz, Fitzhugh, foi para o Norte e fez uma fortuna — chegou a ser conhecido como o nababo de Wall Street! Parecia o Rei Midas, tudo que ele tocava se transformava em ouro!
E eu podia ter-me tornado a Sra. Duncan J. Fitzhugh, fique sabendo! Mas não, fui escolher logo *seu pai!*

LAURA *(Levantando-se)*
Mamãe, deixe que eu tiro a mesa.

AMANDA
Nada disso, meu bem, você vai para a sala estudar o quadro do teclado para datilografia. Ou praticar um pouco de taquigrafia. Conserve-se sempre fresca e bonita! já é quase tempo de os nossos cavalheiros começarem a chegar para as visitas. *(Ela se requebra com a* coquetterie *de uma mocinha,* e *se dirige à* kitchenette.) Quantos você calcula nós vamos receber esta tarde?

(TOM *joga o jornal e levanta-se de um pulo, com um gemido de lamento.)*

LAURA *(Sozinha na sala de jantar)*
Acho que não vamos receber nenhum, mamãe.

AMANDA
(Reaparecendo, vivamente)
Como? Ninguém — nem um? Você deve estar brincando! (LAURA *nervosamente ecoa seu riso. De maneira furtiva ela escapa pelos reposteiros semi-abertos e os fecha detrás de si, delicadamente. Um foco de luz muito clara jorra sobre seu rosto, contornado pelo estampado desbotado das cortinas.*

MÚSICA: O Zoológico de Vidro *em surdina. (Levemente.)* Nem um admirador? Não pode ser! Deve haver uma enxurrada, um tufão deles!

LAURA
Nem enxurrada nem tufão, mamãe. A verdade é que eu não sou tão atraente quanto você era em Blue Mountain. . .

(TOM *emite novo gemido.* LAURA *olha para ele com um leve sorriso de desculpa. Sua voz está um pouco embargada.)* Mamãe tem medo que eu fique solteirona.

A cena é obscurecida gradualmente ao som da música de O Zoológico de Vidro.

CENA 2

LEGENDA NA TELA: *"Laura, você nunca amou nenhum rapaz?"*

No palco escurecido a tela se ilumina com a imagem de rosas azuis.
Gradualmente, a figura de LAURA *surge e a tela é apagada.*
A música decresce.
LAURA *está sentada na delicada cadeira de marfim junto da mesinha de pés em forma de garras.*
Ela traja um vestido de fazenda suave, violeta, usada para quimono — os cabelos estão atados atrás, com uma fita na testa.
Ela está lavando sua coleção de animais de vidro.
AMANDA *aparece nos degraus da escada de incêndio. Ao ouvir seus passos,* LAURA *toma fôlego, põe de lado a terrina com os ornamentos dentro e se senta rigidamente diante do diagrama da máquina de escrever como se ele a fascinasse.*
Algo sucedeu a AMANDA, que deixou marcas visíveis em seu rosto agora que ela sobe os degraus até o lance: tem uma expressão que é ao mesmo tempo sombria e esperançosa e um pouco absurda.
Usa um daqueles casacos baratos, de pano imitando veludo e com uma imitação de pele em torno do pescoço. O chapéu que usa tem cinco ou seis anos de idade, um daqueles horríveis cloches *que eram a moda nos fins da década dos vinte. Ela está segurando uma enorme bolsa preta de verniz com fechos de monogramas em níquel.*
Este é o traje de gala que ela usa geralmente para ir às reuniões das Filhas da Revolução Americana.
Antes de entrar, ela espia pela porta.
Aperta os lábios, abre bem os olhos, vira-os para cima e mexe com a cabeça.
Só *então entra lentamente pela ponta. Ao ver a expressão de sua mãe,* LAURA *toca os lábios com um gesto nervoso.*

LAURA
Aloô, mamãe, eu estava. . . (Com *um gesto nervoso, indica o diagrama na parede.* AMANDA *se encosta à fechada e olha para* LAURA *com a expressão de uma mártir.)*

AMANDA

Desengano? Desengano? *(Lentamente tira o chapéu e as climas, continuando a encarar a filha comum o mesmo olhar fixo, terno e sofredor. Deixa cair as luvas e o chapéu no chão — caiu um pouco de dramaticidade teatral.)*

LAURO *(Trêmulo)*
Que tal foi a reunião das Filhas da Revolução Americana? (AMANDA *lentamente abre a bolsa e dela retira um mimoso lencinho branco que delicadamente bate no ar e delicadamente encosta sobre os lábios* e *as narinas.)* Você não foi à reunião da F. R. A., mamãe?

AMANDA *(Debilmente, de maneira quase inaudível)*
Não, não fui. *(Depois, com mais decisão.)* Não tive forças. . . para ir à F.R.A. Para dizer a verdade, não tive coragem! Queria achar um buraco no chão e me esconder para o resto da vida! *(Cruza lentamente em direção à parede e retira o dia grama do teclado da máquina de escrever. Segura-o um momento diante de si, contemplando-o com doçura e tristeza — depois morde os lábios e o rasga em dois pedaços.)*

LAURA *(Com voz fraca)*
Por que você fez isso, mamãe? (AMANDA *repete* o *mesmo processo com o diagrama do alfabeto Gregg de estenografia.)* Por que você está?. . .

AMANDA
Por quê? Por quê? Quantos anos você tem, Laura?

LAURA
Mamãe, você sabe minha idade. . .

AMANDA
Pensei que você fosse adulta, mas parece que me enganei. (Cruza *lentamente em direção ao sofá e afunda nele, olhando fixamente para* LAURA.)

LAURA
Por favor não me encare assim, mamãe.

(AMANDA *fecham os olhos e baixa a cabeça. Pausa de dez segundos.)*

AMANDA
O que vamos fazer agora, o que vai ser de nós, que futuro nos aguarda?
(Pausa de dez segundos.)

LAURA

Aconteceu alguma coisa, mamãe? (AMANDA *respira fundo e tira o lencinho da bolsa de novo. Repete a delicada operação anterior.)* Mamãe, aconteceu. . . alguma coisa?

AMANDA
Vou me recuperar em um minuto, estou só atordoada *(pausa de* 5 *segundos)* pela vida. . .

LAURA
Mamãe, por favor me diga o que foi que aconteceu!

AMANDA
Como você sabe, esta tarde eu ia ser empossada no meu posto nas Filhas da Revolução Americana. (IMAGEM: *um enxame de máquinas de escrever.)* Mas dei um pulo à Escola Comercial Rubicam para avisar seus professores de que você estava resfriada e perguntar se eles achavam que você estava progredindo no curso.

LAURA
Ah!. . .

AMANDA
Fui falar com a professora de datilografia e me apresentei como sua mãe. Ela nem sabia quem você era. Wingfield, ela repetiu. Não temos nenhuma aluna com esse nome matriculada aqui!
Assegurei que sim, que você estava freqüentando as aulas desde princípios de janeiro.
"Será", ela disse, "será que a senhora está falando de uma mocinha tremendamente tímida, que deixou o curso depois de freqüentar só uns dias?"
"Não", eu respondi, "Laura, minha filha, tem ido à escola todos os dias durante as últimas seis semanas!"
"Desculpe-me um momento", ela disse. Consultou o livro de freqüência e lá estava seu nome, impresso, fora de qualquer dúvida, com todas as datas em que você estivera ausente até que decidiram que você tinha abandonado o curso.
Eu insisti: "Mas deve haver algum engano! Deve ter havido alguma confusão na lista de presença!"
E ela disse: "Não, agora eu me lembro perfeitamente dela. Suas mãos tremiam tanto que nem podia bater nas teclas certas! A primeira vez que fizemos uma prova de velocidade ela ficou nervosíssima! — sentiu-se enjoada do estômago e quase que teve que ser carregada para o banheiro! Depois daquela manhã ela nunca mais apareceu. Telefonamos para a casa dela mas nunca atenderam o telefone — enquanto eu estava trabalhando na loja Famous and Barr, presumo, demonstrando aqueles — oh!"
Eu me senti tão fraca que mal podia me manter de pé!
Tive que me sentar enquanto me traziam um copo d'água!

A matrícula de cinqüenta dólares, todos os nossos planos — minhas ambições e esperanças para o seu futuro — tudo fora água abaixo, água abaixo, sem mais nem menos.

(LAURA *respira fundo e levanta-se desajeitadamente. Cruza em direção à vitrola e lhe dá corda.)*

AMANDA
O que você está fazendo?

LAURA
Oh! *(Larga a manivela e volta a sentar-se.)*

AMANDA
Laura, onde você esteve todo esse tempo que fingia sair de casa para freqüentar a Escola de Comércio?

LAURA
Saia só para passear.

AMANDA
Não é verdade.

LAURA
É sim, só andava pelas ruas.

AMANDA
Andava? Andava? Em pleno inverno? Convidando uma pneumonia assim de propósito com aquele casaquinho leve? Onde você passeava, Laura?

LAURA
Em todos os lugares — a maioria das vezes no parque.

AMANDA
Até depois que você pegou aquele resfriado?

LAURA
Era o menor dos dois males, mamãe. (IMAGEM: *uma cena de inverno no parque.)* Não podia voltar à Escola. Eu vomitei. . . no chão!

AMANDA

Você quer me dizer que das sete e meia até as cinco, todos os dias, você passeava pelo parque, porque queria me fazer crer que ainda estava indo à Escola Comercial Rubicam?

LAURA
Não é tão horrível quanto a senhora imagina. Eu entrava em alguns lugares para me esquentar.

AMANDA
Entrava onde?

LAURA
Ia ao museu, ia ver as casas dos pássaros no Jardim Zoológico. Visitava os pingüins todos os dias! As vezes, passava sem almoçar e ia ao cinema. Ultimamente tenho passado a maioria das tardes na Caixa de Jóias, aquela estufa de vidro enorme onde conservam as flores tropicais.

AMANDA
E você fez tudo isso só para me enganar, só para me iludir? *(Laura baixa* os *olhos.)* Por quê?

LAURA
Mamãe, quando você se sente desapontada, fica logo com aquela expressão de sofrimento, como a pintura da mãe de Jesus no museu!

AMANDA
Cale a boca!

LAURA
Eu não tinha coragem!

(Pausa. O *murmúrio de instrumentos de corda.)*

LEGENDA: *"As migalhas da humilhação"*

AMANDA *(Mexendo, nervosamente, na bolsa descomunal)*
E agora o que vamos fazer o resto das nossas vidas? Ficar em casa vendo as paradas passarem? Divertir-nos com o zoológico de vidro, querida? Tocar eternamente esses discos de vitrola batidíssimos que seu pai deixou como dolorosa recordação de sua passagem?
Não vamos fazer carreira no comércio — disso já desistimos, porque nos dava indigestão de fundo nervoso! (Ri *com cansaço.)* Que nos resta para a vida inteira senão depender dos outros? Eu sei tão bem o que acontece às mulheres solteironas que não estão preparadas para trabalhar fora! Tenho visto casos tão comoventes no

Sul — solteironas toleradas com esforço, vivendo da tolerância mal-humorada do cunhado ou da cunhada! — jogadas num quartinho do tamanho de uma ratoeira, aconselhadas por um e outro parente a visitar outros parentes, mulherzinhas frágeis, como pássaros sem ninho — comendo as migalhas da humilhação a vida inteira!
É esse o futuro que delineamos para nós?
Juro que é a única alternativa que me ocorre!
Não é muito agradável como alternativa, não acha?
Bom, é verdade que algumas moças conseguem *se casar*.

(LAURA *torce os dedos nervosamente.)*

Você nunca sentiu nada por nenhum rapaz?

LAURA
Senti. Gostei de um, há tempos. *(Levanta-se.)* Vi sua fotografia não faz muito.

AMANDA *(Com um pouco de interesse)*
Ele lhe deu a fotografia?

LAURA
Não, estava no álbum do colégio.

AMANDA *(Desapontada)*
Oh — um colega de ginásio.

IMAGEM NA TELA: *Jim surge como herói do ginásio, carregando uma Taça de Prata.*

LAURA
Exato. Ele se chamava Jim (LAURA *ergue o álbum pesado da mesa de pés de gato.)*
Olhe: aqui está, representando em Os *Piratas de Penzance.*

AMANDA *(Distraída)*
Em que?

LAURA
Na opereta que os que se formaram montaram. Ele tinha uma voz maravilhosa e nós nos sentávamos na mesma fila, separados pela nave, 2ªs, 4ªs e 6ªs, no auditório. Olhe, é ele com esta taça de prata que ganhou nos debates! Está vendo este que está sorrindo?
AMANDA *(Distraída)*
Ele deve ter tido uma disposição e tanto.

LAURA
Costumava chamar-me rosas azuis.

IMAGEM: *Rosas azuis*

AMANDA
Por que ele a chamava com esse nome esquisito?

LAURA
Quando eu tive aquele ataque de pleurisia — ele me perguntou o que eu tinha tido quando voltei. Eu disse que tinha estado nas Rochosas Azuis e ele entendeu "rosas azuis". E foi assim que passou a me chamar daí por diante. Sempre que me encontrava, gritava: "Alô, rosas azuis!" Eu tinha antipatia pela garota que ele namorava. Emily Meisenbach — Emily era a garota mais bem vestida do Colégio. Mas, não sei por quê, ela nunca me pareceu sincera.. . Na parte de dados pessoais do álbum está escrito que eles estão noivos. Isso foi. . . há seis anos! Já devem estar casados.

AMANDA
Geralmente as moças que não dão para carreiras no comércio acabam casando com um homem de bem. *(Levantando-se com ânimo novo.)* Irmã, e é isso que você vai fazer!

(LAURA *ri com um misto de dúvida e de espanto. Antomaticamente estende a mão para tocar um dos bichinhos de vidro.)*

LAURA
Mas, mamãe. . .

AMANDA
O que é? *(Cruza em direção à fotografia.)*

LAURA *(Com tom de desculpar-se, assustada)*
Eu sou. . aleijada!

IMAGEM: *A tela*

AMANDA
Bobagem! Laura, eu já lhe disse para nunca, mas nunca, usar essa palavra. Ora, você não é nada aleijada, só tem um defeitinho à-toa, que quase nem se nota! Quando alguém tem uma desvantagenzinha como essa, procura cultivar outras qualidades para compensar — desenvolver o encanto pessoal. . . a vivacidade. . . o *charme!* É

só o que falta você fazer! *(Virando-se novamente para a fotografia.)* Está ai uma coisa que seu pai tinha para dar e vender — *charme!*

(TOM *faz um gesto para os violinos nos bastidores.)*

A cena se obscurece ao som da música.

CENA 3

LEGENDA NA TELA: *"Depois do Fiasco. . ."*

TOM *fala situado no lance da escada de incêndio*

TOM
Depois do fiasco na Escola Comercial Rubicam, a idéia de arranjar um cavalheiro que fizesse a corte a Laura começou a desempenhar um papel cada vez mais importante nos cálculos de mamãe.
Tornou-se uma obsessão. Como um arquétipo qualquer do inconsciente universal, a imagem do admirador em visita assombrava, como uma aparição, o nosso pequeno apartamento. . .

IMAGEM: *Um jovem, trazendo flores, bate à porta.*

Era rara a noite que passávamos em casa sem que se fizesse uma alusão a essa imagem, a esse espectro, a essa esperança. . .
Mesmo quando não mencionado, sua presença pairava na expressão de preocupação de mamãe e na maneira assustada de minha irmã, que parecia pedir desculpas de alguma coisa. . . sua presença pairava como uma condenação decretada contra os Wingfields!
Mamãe era unia mulher de ação, que não se limitava a falar.,
Começou então a tomar providências lógicas para atingir seu objetivo.
No final daquele inverno e no início da primavera —compreendendo que precisaria de mais dinheiro para enfeitar o ninho e adornar com belas plumagens o pássaro — levou a cabo uma vigorosa campanha pelo telefone, catando a laço assinaturas de uma daquelas revistas para matronas chamada "A Companheira das Donas de Casa', o tipo de publicação que se especializa em sublimações em séries de damas literatas que descrevem seios delicados, com a forma de taças artísticas, cinturas finas e corpos em suaves espirais, coxas bem torneadas e leitosas, olhos como fumaça baça de fogos outonais, dedos que confortam e acariciam como passagens musicais, corpos vigorosos como estátuas etruscas.

IMAGEM NA TELA: *A capa do magazine sofisticado*

(AMANDA *entra com o telefone preso a um longo fio de extensão. A luz cai sobre ela em meio ao palco obscurecido.)*

AMANDA
Alô, é Ida Scott? Aqui quem está falando é a Amanda Wingfield!
Sentimos muito sua falta na reunião da F.R.A. segunda-feira!
Pensei comigo mesma! Vai ver que ela está sofrendo daquela sinusite horrível. Foi isso, não foi?
Que horror! Deus misericordioso! — Você é uma mártir cristã, é o que você é, sabe? Uma mártir cristã!
Pois é, agora mesmo eu reparei que sua assinatura da "Companheira" está para terminar. É sim, termina no próximo número, meu bem! — logo agora que aquela novela em série formidável de Bessie Mae Hopper começou a ficar tão emocionante! Oh, meu bem, é uma coisa que você não pode perder! Lembra-se como *E o Vento Levou. . .* causou sensação em todo o mundo? Era impossível sair de casa sem ter lido até a última linha. Todo mundo só falava de Scarlett O'Hara. Pois é, essa novela de agora já é comparada pelos críticos a *E o Vento Levou...* Dizem que *é E o Vento Levou. . .* da geração de depois da Guerra Mundial! O quê? Está queimando? Oh, meu bem, não deixe queimar, vá dar uma espiada no fogão que fico esperando! Meu Deus — acho que ela desligou!

DESAPARECE A LUZ

LEGENDA NA TELA: *"Você pensa que eu estou apaixonado pelos calçados Continental?"*

(Antes de o palco ser iluminado, ouvem-se as altercações violentas entre TOM *e* AMANDA.)

(Estão discutindo detrás dos reposteiros. Diante deles está LAURA *com as mãos firmemente entrelaçadas e uma expressão de pânico no rosto.)*

(Um foco de luz diáfana banha sua figura durante toda esta cena.)

TOM
Pelo amor de Deus, o que você quer. .

AMANDA *(Com voz estridente)*
Já lhe disse para não usar. . .

TOM
Que eu faça?
AMANDA

Essa expressão! Não na minha. . .

TOM
Ohhh!

AMANDA
Presença! Será que você ficou louco de repente?

TOM
Fiquei sim, *me puseram* louco furioso!

A MANDA
O que é que você tem, seu, seu... grande IDIOTA!?

TOM
Olhe: eu não tenho nada, nada, está ouvindo?

AMANDA
Fale mais baixo!

TOM
Nada na minha vida aqui que eu possa chamar de meu! Tudo é tão...

AMANDA
Pare com esses gritos!

TOM
Ontem você confiscou os meus livros! Teve o desplante de...

AMANDA
Sim, senhor: levei de volta aquela novela horrível para a biblioteca. Aquele livro repugnante daquele maluco do Sr. Lawrence (TOM *ri selvagemente).* Não posso controlar a produção de mentes doentias ou pessoas que se rebaixam a satisfazê-las (TOM *ri ainda mais selvagemente), mas não permitirei que essa imundície entre em minha Casa!* Não e não, e não e não!

TOM
Casa, casa! Quem é que paga o aluguel, quem é que trabalha feito um escravo para...

AMANDA*(Já aos berros)*
Não se *atreva* a. . .

TOM
Ah, não, não devo dizer nada! Tenho é que ficar...

AMANDA
Vou lhe dizer uma coisa. . .

TOM
Não quero ouvir mais nada! *(Ele abre os reposteiros com violência. A área superior é iluminada com um brilho vermelho, fumacento e inflado.)*

(AMANDA *está com ferros de ondular no cabelo e usa um roupão de banho velho, grande demais para a sua figura franzina, uma relíquia do infiel Sr. Wingfield.)*

(Uma máquina de escrever de escritório e uma desordem completa de manuscritos sobre a mesinha de armar. A briga foi provavelmente precipitada pela interrupção, de AMANDA, *dos esforços literários de* TOM. *Uma cadeira está caída ao solo, de cabeça para baixo.)*

(As sombras gesticulantes de ambos projetam-se no teto à luz do brilho incandescente.)

AMANDA
Você vai me ouvir até o fim. .

TOM
Não vou ouvir mais nada, vou é sair!

AMANDA
Volte já para. . .

TOM
Vou para fora, fora, fora! Porque eu...

AMANDA
Volte para cá nesse segundo, Tom Wingfield! Ainda não acabei de falar com você!

TOM
Ora, vá...

LAURA *(Com desespero)*
Tom!

AMANDA
Você vai me ouvir e não tolero mais insolência de sua parte! Não tenho mais paciência!

(Ele volta, em direção a ela.)

TOM
E você pensa que eu estou *como?* Será que minha paciência não se acaba um dia, mamãe? Já sei, já sei. Parece sem importância para você que entre o que eu estou fazendo e o que eu quero fazer há *uma pequena diferença!* Você não acha que...

AMANDA
Acho que você vem fazendo coisas de que se envergonha. F por isso que se comporta desse jeito. Não acredito que você vá ao cinema tolas as noites. Ninguém vai ao cinema uma noite depois da outra. Ninguém que esteja são de mente vai ao cinema com a freqüência que você finge ir. As pessoas não costumam ir ao cinema quase à meia-noite nem os cinemas terminam às duas da manhã. Chega a casa tropeçando, balbuciando sozinho como um louco! Você dorme só três horas e depois pega no trabalho. Ora, parece que estou vendo em que estado você fica lá no trabalho. Sem ânimo, batendo com a cabeça pelos cantos porque não está em condições.

TOM *(Com fúria selvagem)*
Pois é, não estou em condições!

AMANDA
Que direito você tem de prejudicar seu emprego? Pôr em perigo a segurança de todos nós? Como você imagina que nós sobreviveríamos se. . .

TOM
Escute aqui: você pensa que eu *sou louco* pelo depósito? *(Ele se curva ferozmente diante da figura frágil da mãe.)* Você pensa por acaso que estou apaixonado pela Manufatura de Calçados *Continental?* Pensa que vou querer passar cinqüenta e cinco *anos* inteiros naquele *interior de celotex* com *tubos de luz fluorescente ??* Olhe: eu preferia mil vezes que alguém pegasse um pedaço de ferro e me esmigalhasse os miolos a voltar para lá todas as manhãs! Mas *eu vou!* Cada vez que você entra no meu quarto berrando aquele desgraçado "Levante e brilhe com a luz divina!", digo comigo mesmo: "Que sorte a das pessoas *mortas!"* Mas me levanto assim mesmo. E vou para o trabalho! Por sessenta e cinco dólares por mês eu abandono tudo que jamais sonhei fazer ou ser! E você diz que só penso em mim! Ora, escute, mamãe: se eu só pensasse em mim, estaria onde ele está —*sumido! (Apontando para a fotografia do pai.)* Até aonde me levassem os meios de transporte do globo! *(Ele passa por ela e ela* o *agarra pelo braço.)* Não me segure, mamãe!
AMANDA
Aonde é que você vai?

TOM
Vou *ao cinema!*

AMANDA
Não acredito nessa mentira!

TOM
(Curvando-se sobre ela, sobrepujando sua figura diminuta. Ela se afasta, ofegante.) Vou para os antros do ópio! Isso mesmo, antros do ópio e do vício, esconderijos de criminosos, mamãe. Entrei para a quadrilha do Hogan, sou um assassino profissional, carrego minha metralhadora numa caixa de violino! Sou dono de uma porção de bordéis do vale! Meu apelido é o Matador, o Matador Wingfield, levo uma vida dupla, um trabalhador simples e honesto numa loja durante o dia e de noite um *czar* dinâmico do *bas-fond!*, mamãe! Freqüento cassinos de jogatina, perco fortunas e fortunas no girar da roleta! Uso uma venda no olho e um bigodinho falso, às vezes uso até barbas verdes. Nessas ocasiões me alcunham *El Diablo!* Eu podia contar-lhe coisas que fariam você perder o sono de vez! Meus inimigos planejam dinamitar este lugar. Vai ser uma tal explosão que nossos corpos subirão até as estrelas! Ficarei feliz, muito contente e você também! Você vai subir, subir numa vassoura em cima de Blue Mountain, seguida por dezessete cortejadores! Sua *bruxa* horrorosa e faladeira. . . *(Ele* faz *uma série de movimentos violentos e desajeitados, agarrando o próprio sobretudo, arrancando rumo à porta e abrindo-a violentamente. As mulheres o observam, aterrorizadas. Seu braço fica preso dentro da manga do sobretudo enquanto ele peleja para vesti-lo. Durante um momento ele está agrilhoado pelo traje volumoso. Com um murmúrio de ódio, ele tira o casaco de novo, com força, arrebentando o ombro do mesmo e atirando-o longe.* O *capote bate contra a estante da coleção de vidro de* LAURA, *ouve-se o barulho de vidro despedaçando-se. LAURA grita como se tivesse sido ferida.)*

MÚSICA. LEGENDA: O *Zoológico de Vidro*

LAURA *(Com voz estridente)*
Meu *zoológico de vidro! (Cobre o rosto e vira-se de costas.)*

(Mas AMANDA *ainda está paralisada e estupefata pelo epíteto de "bruxa horrorosa", de modo que quase não nota este incidente. Só agora é que recupera a fala.)*

AMANDA(Com *uma voz terrível)*
Não voltarei a falar com você — até que você peça desculpas! *(Ela atravessa pelos reposteiros e os fecha detrás de si.* TOM *fica só com* LAURA. LAURA *agarra-se debilmente* à *prateleira sobre a lareira, com o rosto virado.* TOM *olha para ela de*

modo fixo e estúpido durante um momento. Depois caminha até à *estante. Ajoelha-se desajeitadamente para juntar os cacos de vidro, olhando para* LAURA *como se quisesse falar e não pudesse.)*

A música de O Zoológico de Vidro *se insinua até que*

A CENA SE OBSCURECE

CENA 4

O interior está escuro. Uma luz tênue no beco.
Um sino de sons profundo numa igreja está soando cinco horas quando a cena começa.
TOM *aparece na parte superior do beco. Depois de cada badalada solene do sino na torre, ele agita um chocalho ou outro instrumento barulhento para simbolizar o espasmo insignificante do homem, em contraste com a força e a dignidade do Todo-Poderoso. Isto e seus passos inseguros tornam evidente que ele esteve bebendo.*
Quando ele sobe os poucos degraus que conduzem ao patamar da escada de incêndio, uma luz se acende no interior da casa. LAURA *surge de camisola, observando a cama vazia de* TOM *no quarto da frente.*
TOM *procura nos bolsos a chave da porta, mostrando um sortimento variado de artigos durante sua busca, inclusive uma chuva de pedaços de entradas de cinema e uma garrafa vazia. Finalmente encontra a chave, mas quando está para inseri-la na fechadura, ela escapa de seus dedos.* TOM *acende um fósforo e se agacha diante da porta.*

TOM *(Amargamente)*
Uma fresta pequena — e foi cair logo lá dentro!

(LAURA *abre a porta.)*

LAURA
Tom! Tom, *o* que é que você está fazendo ai?

TOM
Procurando a chave de casa.
LAURA
Onde você esteve esse tempo todo?

TOM

Fui ao cinema.

LAURA
Esteve esse tempo todo no cinema?

TOM
Era um programa muito longo. Levaram uma fita da Greta Garbo, um desenho do Camundongo Mickey, depois um documentário de viagens, um filme de atualidades e *trailers* das próximas atrações. Tinha também um solo de órgão e uma coleta para o Leite dos Pobres — ao mesmo tempo —que terminou numa briga horrível entre uma mulher gorda e uma indicadora de lugares!

LAURA *(Inocentemente)*
Você teve que ficar até o fim?

TOM
Mas *é* claro! E, ah, eu ia me esquecendo! Tiveram também um *show* espetacular! A figura principal era um tal de Malvolio, o mágico. Ele fazia truques formidáveis, muitos, como fazer a água voltar para dentro das jarras e depois sair de novo. Primeiro ele transformou a água em vinho, depois em cerveja e depois em uísque. Sei que era uísque o último, porque ele precisava de alguém que subisse no palco para ajudá-lo e eu fui — nos dois *shows!* Era Bourbon de Kentucky, Straight. Era um sujeito um bocado generoso, deu-me umas lembranças. *(Tira do bolso de trás de suas calças uma* écharpe *brilhante de todas as cores do arco-íris.)* Ele me deu isto. É uma *écharpe* mágica. Pode ficar pra você, Laura. Você a agita diante de uma gaiola de canárias e eles viram peixinhos dourados. Se agitá-la diante dos peixinhos dourados eles voam, transformados em canários! Mas o truque mais sensacional *é* o do caixão. Nós pregamos o mágico dentro do caixão e ele saiu sem tirar um prego do lugar! (TOM *entrou.)* Isso *é* que era um truque que seria ótimo para mim — para tirar-me deste aperto! *(Cai pesadamente sobre a cama e começa a tirar os sapatos.)*

LAURA
Tom! Psiu!

TOM
Psiu por quê?

LAURA
Você assim acorda mamãe.
TOM
Ótimo! Assim ela me paga todos aqueles "Levante com a luz divina!" *(Deita-se, gemendo).* Você sabe, não é preciso muita inteligência para entrar num caixão fechado a pregos, Laura. Mas quem diabos já saiu de algum sem mexer nem num prego?

(Como se em resposta, a fotografia do pai sorridente se ilumina.)

A CENA SE OBSCURECE

(Imediatamente depois: ouve-se um sino de igreja soando seis horas. Com a sexta badalada o despertador toca no quarto de AMANDA *e depois de poucos momentos nós a ouvimos chamando:*
"Levante com a luz divina!" "Levante com a luz divina!" "Laura, vá dizer a seu irmão para acordar com a luz divina!")

TOM *(Sentando-se vagarosamente na cama)*
Levantar eu levanto mas *sem a* luz divina!

(A luz aumenta.)

AMANDA
Laura, diga a seu irmão que o café está pronto.

(LAURA *entra no quarto da frente.)*

LAURA
Tom, já são quase sete horas. Não faça mamãe ficar nervosa. *(Ele olha estupidamente para ela. Suplicante.)* Tom, fale com mamãe agora. Faça as pazes com ela, peça desculpas, fale com ela!

TOM
É ela que não quer falar comigo. Foi ela que me deu "o gelo".

LAURA
Se você se desculpar ela falará de novo.

TOM
Ora, ela não fala — é alguma tragédia?

LAURA
Por favor, Tom, por favor!
AMANDA *(Chamando, da* kitchnette)
Laura, você vai fazer o que pedi ou tenho que me vestir e ir eu mesma?

LAURA

Já vou, mamãe, assim que eu puser *o* casaco! *(Ela põe na cabeça um chapéu de feltro já sem forma, com movimentos nervosos e trêmulos, olhando para* TOM *com expressão de súplica. Corre desajeitadamente para pegar o casaco. Este é um dos "arranjos" de um velho casaco de* AMANDA, *com as mangas curtas demais para* LAURA.) Manteiga e que mais?

AMANDA *(Entrando pela parte do fundo do palco)*
É só manteiga. Diga para botarem na conta.

LAURA
Mamãe, fazem uma cara quando eu digo isso!

AMANDA
Ora, cara feia *é* como chuva: não quebra osso! O Sr. Garfinkel pode fazer a cara que quiser que não tem importância. Diga a seu irmão que o café está esfriando.

LAURA *(À porta)*
Faça o que eu lhe pedi: está bem? você fará, Tom? *(Ele olha para o lado com mau humor e enfado.)*

AMANDA
Laura, se você não for agora então não precisa mais ir!

LAURA *(Saindo às pressas)*
Já vou! Já vou! *(Um segundo depois ela dá um grito.* TOM *levanta de um pulo e corre em direção à porta.* AMANDA *também corre, ansiosa.* TOM *abre a porta.)*

TOM
Laura, que foi?

LAURA
Não foi nada, escorreguei, não aconteceu nada.

AMANDA *(Seguindo-a, angustiada, com os olhos)*
Se alguém quebrar a perna nesses degraus, o proprietário devia ser processado até o último centavo! *(Fecha a porta. Lembra-se de que não está falando com* TOM *e volta para o outro recinto.)*

(Quando TOM *entra, desanimado, para tomar café, ela lhe vira as costas e fica de pé, rigidamente, diante da janela na penumbra soturna da arcada. A luz que cai sobre seu rosto de feições idosas mas infantis é de urna crueza impiedosa, satírica como urna gravura de Daumier.)*

(MÚSICA EM *SURDINA: Ave-Maria)*

(TOM *olha, acanhado mas de mau humor e descorçoado para a figura dela e deixa-se cair sobre a cadeira. O café está pelando, ele sorve um gole, sofre a queimadura e o cospe de novo na xícara. Ao ouvir sua exclamação,* AMANDA *tem um sobressalto e se vira um pouco. Depois volta à posição anterior.)*

(TOM *assopra o café, olhando de soslaio para a mãe. Ela pigarreia.* TOM *faz o mesmo. Ele começa a levantar-se. Senta-se de novo, pesadamente, coça a cabeça, pigarreia de novo.* AMANDA *tosse.* TOM *ergue a xícara com ambas as mãos para assoprar o café, seus olhos enquanto isso olham acima da beira da xícara para sua mãe, durante vários momentos. Em seguida ele põe a xícara sobre a mesa, lentamente e muito* gauche; *hesitante, se ergue da cadeira.)*

TOM *(Com voz rouca)*
Mamãe. . . Eu. . . eu peço desculpas mamãe. (AMANDA *respira rápida e convulsamente. Faz caretas grotescas para controlar-se. Prorrompe num choro pueril.)* Lamento o que eu disse, lamento tudo o que eu disse, não tive intenção. . .

AMANDA *(Soluçando)*
Minha dedicação me transformou numa bruxa e eu me torno odiosa aos olhos de meus filhos!

TOM
Que nada, nada disso, mamãe.

AMANDA
Eu me preocupo tanto, não durmo à noite, fico nervosíssima!

TOM *(Com ternura)*
Eu sei, mamãe.

AMANDA
Tive que lutar sozinha durante todos esses anos. Mas você é meu arrimo, não caia, não falhe!

TOM *(Com ternura)*
Eu tento, mamãe.

AMANDA *(Com grande entusiasmo)*
Tente e você *triunfará! (Esta possibilidade a torna ofegante de entusiasmo.)* Ora, você. . . você *é* imensamente talentoso, meu filho! Meus dois filhos. . . são extremamente dotados! Você pensa que eu não sei disso? Sinto-me tão. . .

orgulhosa!. . . feliz! e acho que devo dar graças a Deus por tanta coisa, mas. . . Prometa-me uma coisa, meu filho!

TOM
O que é, mamãe?

AMANDA
Prometa-me, meu filho, que você nunca vai dar para beber!

TOM *(Volta-se para ela sorrindo)*
Nunca serei um bêbado, mamãe.

AMANDA
Isso é que me assustava tanto, que você começasse a beber! Coma um pouco de mingau *Purina!*

TOM
Só quero café, mamãe.

AMANDA
Quer uns biscoitinhos de trigo?

TOM
Não, mamãe, só quero café.

AMANDA
Como é que você pode trabalhar o dia inteiro com o estômago vazio? Ainda faltam dez minutos. Não engula o café depressa! Beber líquidos quentes demais dá câncer no estômago. . . Ponha leite no café.

TOM
Não, obrigado.

AMANDA
É para esfriar.

TOM
Não! Não, obrigado, prefiro sem leite.

AMANDA
Eu sei, mas não lhe faz bem. Temos que fazer tudo ao nosso alcance para nos fortificar. Nos dias adversos de hoje, a única coisa a que podemos nos agarrar é à família. Por isso é que é tão importante nós. . . Tom, eu. . eu mandei sua irmã ao

armazém para poder discutir com você.. Se você não tivesse falado comigo, eu teria falado com você. *(Senta-se.)*

TOM *(Com ternura)*
O que é, mamãe, que você quer discutir?

AMANDA
Sobre a Laura!

(Tom depõe sua xícara lentamente sobre a mesa.)

(LEGENDA NA TELA: *"Laura")*

(MÚSICA: O *Zoológico de Vidro)*

TOM
Sobre a Laura?...

AMANDA *(Tocando-lhe a manga do casaco)*
Você sabe como ela é. Tão retraída. . . mas águas paradas são fundas, como diz o ditado. Ela nota as coisas e eu acho que ela pensa muito sobre tudo. (TOM *olha para ela.)* Há poucos dias, entrei de repente e ela estava chorando.

TOM
Por quê?

AMANDA
Por sua causa.

TOM
Por *minha causa?*

AMANDA
Ela acha que você não é feliz aqui em casa.

TOM
Quem lhe botou essa idéia na cabeça?

AMANDA
E eu sei o que anda na cabeça dela? Mas, realmente, você tem umas reações estranhas, eu. . . eu não estou criticando, *compreenda-me* bem! Sei que suas ambições vão muito além da loja, sei que, como todo mundo, você.. . teve que fazer

sacrifícios, mas. . . Tom, Tom, a vida não é fácil, exige uma resistência espartana de todos nós. Há tantas coisas dentro de meu coração que não posso nem descrever! Eu nunca lhe contei, mas a verdade é que. . . *eu amava* seu pai. . .

TOM *(Com ternura)*
Eu sei, mamãe.

AMANDA
E você. . . quando eu vejo que você sai a ele. . . ficando até tarde fora, e.. . bem, você bebeu naquela noite em que voltou num estado terrível!
Laura diz que você odeia o apartamento e que você sai à noite para fugir daqui! É verdade, Tom?

TOM
Não. Você disse que há tantas coisas no seu coração que nem pode descrevê-las. O mesmo acontece comigo. Há tanta coisa em meu coração que nem posso descrevê-las. . . *para você, mamãe!* Portanto, vamos respeitar-nos mutua. . .

AMANDA
Mas por que, *por que, Tom,* você está sempre tão agitado? Aonde é que você vai à noite?

TOM
Eu... eu vou ao cinema.

AMANDA
Por que você vai tanto ao cinema, Tom?

TOM
Vou ao cinema porque. . . gosto da aventura. Aventura o que não há no meu trabalho, por isso vou ao cinema.

AMANDA
Mas, Tom, você vai ao cinema.., demais, *demais* mesmo!

TOM
Gosto de muita aventura.

(AMANDA *parece surpresa, depois ferida na sua sensibilidade. À medida que o exame inquisitorial se reinicia, ele se torna duro e impaciente de novo. AMANDA volta, quase sem sentir, a sua atitude implicante para com ele.)*

IMAGEM NA TELA: *"Uma caravela com uma bandeira de pirata içada"*

AMANDA
A maioria dos jovens acha aventura em suas próprias carreiras.

TOM
Sim, mas a maioria dos jovens não está empregada em fábricas de calçados.

AMANDA
O mundo está cheio de jovens empregados em armazéns, escritórios, fábricas!

TOM
E todos acham aventuras em suas carreiras?

AMANDA
Se não acham, se conformam com isso! Nem todos têm mania da aventura!

TOM
O homem é, por instinto, uns amante, um lutador, e nenhum desses instintos pode ser satisfeito nos limites de uma sapataria!

AMANDA
Por instinto! Não me fale de instinto! Instinto é uma coisa de que a gente tem que se libertar! É para animais! Adultos de fé cristã não o desejam de forma alguma.

TOM
O que então que os adultos de fé crista desejam mamãe?

AMANDA
Coisas superiores! O cultivo da mente e do espírito! Só os animais têm que satisfazer o instinto! Estou certa que seu ideal é um pouco mais alto que o deles! Do que os ideais de um macaco, de um porco. . .

TOM
Na minha opinião, não são.

AMANDA
Ora, você está brincando. Em todo caso, não era isso que eu queria discutir com você.

TOM *(Levantando-se)*
Não tenho muito tempo.

AMANDA *(Empurrando-o pelos ombros)*

Sente-se.

TOM
Você quer que eu bata o ponto atrasado no emprego, mamãe?

AMANDA
Você ainda tem cinco minutos. Quero falar com você sobre a Laura.

(LEGENDA: *"Planos e providências.")*

TOM
Está bem! O que que tem a Laura?

AMANDA
Temos que fazer planos, tomar providências por ela. Ela é mais velha que você, dois anos, e até agora nada aconteceu. Ela vive de um dia para outro, sem fazer nada. É uma coisa que me assusta horrivelmente vê-la flutuar assim, *sem um propósito na vida*.

TOM
Bom, acho que ela é do tipo que chamam de moças caseiras.

AMANDA
Não existe ninguém desse tipo! E, se existir, é uma pena! Isto é, a menos que a casa seja dela, com um marido!

TOM
O quê?

AMANDA
Oh, vejo a escrita na parede com a mesma nitidez que vejo minhas mios, por exemplo. Ë alucinante!
Cada vez mais você me recorda seu pai! Ele ficava na rua *horas* sem me dar nenhuma explicação!. . . E depois partiu de vez. . . Boa noite!
E eu tive que tocar o barco para frente.
Vi aquela carta que você recebeu da Marinha Mercante. Sei com que você está sonhando. Não estou aqui como cabra-cega, de olhos vendados.
Pois então, muito bem, Tom, faça o que deseja!
Mas só depois que houver alguém para preencher o seu lugar!

TOM
O que você quer dizer com isso?

AMANDA

Quero dizer que logo que Laura tiver alguém para cuidar dela que ela estiver casada, em sua própria casa, independente. . . Então, você estará completamente livre para ir aonde quiser, na terra, no mar, no rumo que os ventos soprarem!
Mas até lá você tem que cuidar de sua irmã. Não digo cuidar de mim porque estou velha e não tenho importância! Digo por *causa* de sua irmã, porque ela é jovem e depende tanto dos outros!
Matriculei-a *numa* escola comercial — foi um fracasso tristíssimo! Ela ficou tão apavorada que se sentiu mal do estômago.
Levei-a à Liga dos Jovens, na igreja. Outro fiasco. Ela não falou com ninguém, ninguém falou com ela. Agora o dia inteiro a única coisa que faz é perder tempo com esses bichinhos de vidro e tocar esses discos do tempo do onça! Isso é vida para uma moça?

TOM
O que eu posso fazer?

AMANDA
Vencer seu egoísmo!
Você só pensa em você, em você, em você!

(TOM *levanta-se de um pulo e vai pegar o sobretudo, que é velho e volumoso. Põe na cabeça um boné e os protetores contra* o *frio sobre as orelhas.)*

Onde está seu cachecol? Ponha seu cachecol de lã!

(Ele o arranca com fúria do armário e o enrola de qualquer jeito no pescoço, amarrando forte as duas pontes.)

Tom! Ainda não disse o que eu tinha para lhe dizer!

TOM
Já estou atrasado demais para. . .

AMANDA
(Segurando-lhe o braço. . . de maneira muito importuna. Depois, timidamente:)
Lá onde você trabalha... será que não há... alguns rapazes de família?

TOM
Não!

AMANDA
Mas *deve* haver. .. alguns, pelo menos. . .

TOM

Mamãe. . . (faz *um gesto).*

AMANDA
Ache um que seja decente. . . que não beba. . . e convide-o a visitar sua irmã!

TOM
O quê?

AMANDA
Sua irmã! Para conhecê-la! Ser apresentado!

TOM *(Sai, pela porta, batendo os pés)*
Ora, francamente. . .

AMANDA
Você vai trazer um? *(Ele abre a porta. AMANDA, com voz suplicante:)* Vai? *(Ele começa a descer.)* Vai? Vai, meu bem?

TOM *(Respondendo)*
Vou!

(AMANDA *fecha a porta, hesitante, e com uma expressão aflita mas levemente esperançosa.)*

IMAGEM NA TELA: *A capa de um magazine sofisticado.*

(A luz cai sobre AMANDA, ao telefone.)

AMANDA
Alô, Ella Cartwright? Aqui quem está falando é Amanda Wingfield!
Como vai essa querida?
E os rins, melhorou?

(pausa de 5 *segundos)*

Que horror!

(pausa de 5 *segundos)*

Você é uma verdadeira mártir crista, meu bem, isso é que você é, uma mártir cristã! Pois é, eu vi agora mesmo no meu caderninho vermelho de notas que a sua assinatura da "Companheira" acabou! E eu sabia que você não queria perder o romance em série fabuloso que começa neste número. É escrito por Bessie Mae Hopper, a primeira coisa que ela escreve desde *Lua-de-Mel Para Três.*
Que história estranha e interessante que foi, não? Pois é, mas esta é mil vezes melhor, calculo. Passa-se num ambiente de *society* muito fino. É inteirinho sobre os grã-finos da Hípica em Long Island!

CENA 5

LEGENDA NA TELA: *"Anunciação" (Desaparece ao som da música.)*

É o início do entardecer de um dia de primavera. Acabaram de jantar no apartamento dos Wingfields. AMANDA *e* LAURA, *usando vestido de cores vivas, estão tirando os pratos da mesa, na parte de trás do palco, que está na penumbra; seus movimentos são formais como os de uma dança ou de um ritual, suas silhuetas em movimento parecem silenciosas e pálidas como mariposas.*
TOM, *de calças e camisa brancas, levanta-se da mesa e caminha em direção à escada de incêndio.*

AMANDA *(Enquanto ele passa por ela)*
Meu filho, quer me fazer um favor?

TOM
O que é?

AMANDA
Penteie o cabelo! Você fica tão bonito com o cabelo penteado! *(TOM se esparrama no sofá, lendo o jornal vespertino. Manchetes enormes:* "FRANCO TRIUNFA.") Há um único ponto no qual eu queria que você imitasse seu pai.

TOM
E qual é?

AMANDA
O cuidado que ele sempre tinha com a própria aparência. Nunca se permitiu o menor desleixo. *(Ele joga o jornal no chão e vai rumo à escada de incêndio.)* Aonde é que você vai?

TOM
Vou fumar lá fora.

AMANDA
Você fuma demais. Um maço por dia, a quinze *cents* por maço. Quanto faz por mês? Trinta vezes quinze quanto é, Tom? Faça o cálculo e ficará espantado com a quantia que você podia economizar. O bastante para pagar-lhe um curso noturno de contabilidade na Universidade de Washington! Pense só, que maravilha seria para você, meu filho!

(TOM não demonstra nenhum entusiasmo.)

TOM
Prefiro fumar. *(Vai para fora, para o patamar da escada, deixando que a porta de tela bata com força detrás de si.)*

AMANDA *(Acidamente)*
Eu sei. Aí é que está a tragédia! *(Sozinha, ela se volta para contemplar a fotografia do marido.)*

MÚSICA DE DANÇA: *"All the world is waiting for the sunrise !"*

TOM *(Dirigindo-se ao público)*
Do outro lado do beco, onde estava nossa casa, havia o Salão Dançante Paraíso. Nas noites de primavera, as janelas e as portas ficavam abertas e a música saía janela afora. Às vezes, apagavam todas as luzes, menos a esfera de vidro grande que estava dependurada do teto. Era uma esfera que girava lentamente e filtrava na penumbra cores delicadas do arco-íris. Então a orquestra tocava uma valsa ou um tango, uma melodia qualquer de ritmo lento e sensual. Casais saiam do salão; buscando a intimidade relativa do beco. Você podia vê-los beijando-se detrás de bueiros e de postes.

Era a compensação que tinham para vidas que passavam, como a minha, sem mudanças ou sem aventura.

Mas aventura e mudanças eram coisas iminentes naquele ano. Estavam esperando, ao virar da esquina, por todos esses rapazes.

Suspensas na neblina sobre Berchtesgaden, presas nas pregas do guarda-chuva de Chamberlain. . .
Na Espanha houve Guernica!

Mas aqui só havia música de *swing hot* e uísque, salões de dança, cinemas e sexo, que pairava na penumbra como um lustre e inundava o mundo de arco-íris breves e ilusórios. . .

O mundo inteiro estava à espera de bombardeios!

(AMANDA *vira as costas para a fotografia e sai para a escada.)*

AMANDA *(Suspirando)*
Um lance de escada de incêndio é um mau substituto para uma varanda. *(Ela espalha o jornal num dos degraus e senta-* se *Com graça e decoro afetado como se estivesse se sentando num balanço, no pátio de uma mansão senhorial no Mississípi.)* O que você está olhando?

TOM
A Lua.

AMANDA
Hoje é noite de Lua?

TOM
Está surgindo detrás da loja de frios Garfinkel.

AMANDA
Está mesmo! Parece uma cimitarra prateada! Já fez pedido a ela?

TOM
Hum-hum.
AMANDA
O que que você desejou?

TOM
É segredo.

AMANDA
Segredo, hem? Bem, não lhe conto o meu também. Vou ser tão misteriosa quanto você.

TOM
Aposto que eu sou capaz de adivinhar o seu.

AMANDA
Será que sou tão transparente?

TOM
Uma esfinge você não e. . .

AMANDA
Não, não tenho segredos. Vou lhe dizer o pedido que fiz quando vi a Lua. Pedi sucesso e felicidade para meus filhos adorados! É o que eu sempre peço quando vejo a Lua e, mesmo quando ela não aparece, eu peço a mesma coisa!

TOM
Pensei que você desejasse a visita de um admirador para Laura.

AMANDA
Por que você diz isso?

TOM
Você não se lembra que me pediu para arranjar um?

AMANDA
Só me lembro de ter sugerido que seria muito simpático para sua irmã se você trouxesse aqui em casa um rapaz educado, que trabalhe com você no depósito. Acho que já fiz essa sugestão várias vezes.

TOM
Já, repetidas vezes.

AMANDA
E. . .?

TOM
Vamos receber um.

AMANDA
O *quê?*

TOM
Um cavalheiro de visita.

(A *comunicação é celebrada com música.)*

(AMANDA *se levanta.)*

(IMAGEM NA TELA: O *visitante com um buquê)*

AMANDA
Quer dizer que você convidou um rapaz distinto para vir nos ver?

TOM
Exatamente. Convidei-o para jantar.

AMANDA
Foi mesmo, meu filho?

TOM
Exatamente.

AMANDA
Convidou, hem? E ele. . . aceitou?

TOM
Aceitou!

AMANDA
Sim, senhor! Ora vejam só. . . Mas. . . é maravilhoso!

TOM
Pensei que essa notícia ia agradá-la.

AMANDA
É certo, então, ele vem?

TOM
Certíssimo.

AMANDA
Breve?

TOM
Muito breve.

AMANDA
Pelo amor de Deus deixe de ser emproado e me conte logo tudo, ouviu?

TOM
Contar o quê, por exemplo?

AMANDA
Naturalmente, eu queria saber *quando e*le vem!

TOM
Vem amanhã.

AMANDA
Amanhã?

TOM
Sim, senhora: Amanhã.

AMANDA
Mas, Tom!

TOM
O que é, mamãe?

AMANDA
Até amanhã não me dá tempo!

TOM
Tempo para quê?

AMANDA
Para os preparativos! Por que você não me telefonou logo assim que você o convidou, no mesmo minuto que ele aceitou Então, sabe, eu podia começar a aprontar tudo!

TOM
Não tem que fazer nada demais.

AMANDA
Ora, Tom, Tom, Tom, claro que tenho que fazer mil coisas! Quero tudo muito direitinho, nada desleixado! Nada improvisado. Terei que pensar muito rápido agora, não é?

TOM
Não sei para quê.

AMANDA
Você nem sabe! Não podemos receber a visita de um cavalheiro num chiqueiro!
Temos que polir os talheres de prata de meu casamento, que lavar e passar a toalha de linho com monogramas! As janelas têm que ser lavadas e tenho que colocar cortinas novas! E as nossas roupas? Alguma coisa teremos que usar, não é?

TOM
Mamãe, não é preciso fazer tanta cerimônia com esse rapaz!

AMANDA
Será que você não se dá conta de que ele é o primeiro rapaz que você apresenta à sua irmã?
É horrível, pavoroso, uma desgraça, mas a coitada da sua irmãzinha nunca recebeu uma única visita de cavalheiro! Tom, venha para dentro!

(Ela abre a porta de tela.)

TOM
Para quê?

AMANDA
Quero lhe perguntar umas coisas.

TOM
Se você vai fazer tanta confusão, desmarco tudo, digo a ele para não vir mais!

AMANDA
Não, senhor, nada disso! A coisa mais ofensiva que existe é desmarcar um compromisso fixo. A verdade é que eu vou ter de trabalhar como um mouro! Não daremos uma impressão brilhante, mas passaremos no exame. Venha para dentro. (TOM *a segue, lamentando-se.)* Sente-se.

TOM
Você quer que eu me sente em algum lugar especial?

AMANDA
Graças a Deus que tenho aquele sofá novo! Estou terminando de pagar as prestações do abajur de pé que vou mandar vir da loja. E vou pôr também as capas de *Chintz*, para alegrar um pouco os móveis! Bem, é claro que eu preferiria se as paredes estivessem empapeladas de novo. . . Como se chama esse rapaz?

TOM
O'Connor.

AMANDA
Bem, o jantar certamente será peixe — amanhã é sexta-feira! Vou fazer rolão de salmão com molho "Dukee".
O que ele faz? Trabalha no depósito?

TOM
É lógico, se não como eu. . .

AMANDA
Tom, ele. . . não bebe?

TOM
Por que você me pergunta isso?

AMANDA
Porque *seu pai bebia!*

TOM

Não comece você, mamãe.

AMANDA
Ah, então ele bebe, não é?

TOM
Não que eu saiba!

AMANDA
Verifique, certifique-se! Seria a última coisa que eu desejaria para a minha filha, entregá-la a um rapaz beberrão!

TOM
Você não está correndo um pouco com as coisas, mamãe? O Sr. O'Connor ainda não entrou em cena!

AMANDA
Mas virá amanhã. Para conhecer sua irmã e sei lá como ele é de caráter?
Não sei nada! É melhor ficar solteirona do que casar com bêbado!

TOM
Ora, pelo amor de Deus!

AMANDA
Fique quieto!

TOM *(Inclinando-se para a frente para sussurrar)*
Milhares de sujeitos conhecem moças e não se casam com elas!

AMANDA
Ora, tenha juízo, Tom. . . e não seja sarcástico! *(Ela pegou uma escova de cabelo).*

TOM
O que você está fazendo?

AMANDA
Estou dando uma escovada nessa pastinha! Que posição ocupa esse jovem no depósito?

TOM *(Submetendo-se de mau grado d escova e à interrogação)*
A posição deste jovem é de encarregado das remessas, mamãe.

AMANDA
Parece um lugar de muita responsabilidade, o tipo de emprego em que *você* estaria se tivesse um pouco mais de ânimo!
Que salário será que ele ganha? Você faz uma idéia?

TOM
Eu calculo aí por volta de oitenta e cinco dólares por mês.

AMANDA
Bem, nada de nababesco, mas. . .

TOM
Vinte a mais do que *eu* ganho!

AMANDA
Pois é, como se eu não soubesse! Mas para um chefe de família, oitenta e cinco dólares por mês não são muito mais do estritamente necessário para viver. . .

TOM
De acordo, mas o Sr. O'Connor não é chefe de família.

AMANDA
Mas pode se tomar, não pode? No futuro, talvez?

TOM
Já sei: providências e planejamentos.

AMANDA
Você é o único rapaz que eu conheço que ignora o fato de que o futuro se transforma no presente, o presente no passado e o passado se torna um remorso sem fim se não planejarmos tudo com antecipação!

TOM
Vou pensar sobre o caso e ver se compreendo isso, mamãe.

AMANDA
Não seja convencido, logo com sua mãe! Diga-me mais uma coisa: como é o nome todo dele?

TOM
James D. O'Connor. D. é abreviatura de Delaney.

AMANDA
Irlandês por parte de pai e mãe! Nossa Senhora! E não costuma beber?

TOM
Quer que eu telefone para ele agora para perguntar?

AMANDA
A única maneira de averiguar essas coisas é fazer perguntas discretas no momento oportuno. Quando eu era mocinha em Blue Mountain se suspeitavam que um rapaz bebia, a moça cujas atenções ele vinha recebendo, se é que ela existia, dirigia-se ao pároco da igreja que ele freqüentava, ou melhor, o pai dela ia, se estivesse vivo, para ter uma idéia aproximada do caráter do rapaz. Essa é que é a maneira discreta de lidar com esse assunto e impedir uma moça inexperiente de cometer um erro trágico!

TOM
Então como é que você cometeu um erro trágico?

AMANDA
Aquele ar inocente de seu pai enganou todo mundo!
Bastava ele *sorrir* — e o mundo todo estava enfeitiçado!
Não existe pior sina que a da moça que se cativa por um homem bonito!
Faço votos para que o Sr. O'Connor não seja bonito demais!

TOM
Fique tranqüila: não é o caso. Tem sardas à beça e quase não tem nariz.

AMANDA
Bom, você não vai me dizer que ele é feio, mas feio mesmo?

TOM
Não, feio mesmo não. Meio feio, eu diria.

AMANDA
Bem, o que conta num homem é o caráter.

TOM
É o que eu sempre digo, mamãe.

AMANDA
Você nunca disse isso e duvido que você tenha pensado isso uma única vez!

TOM
Não duvide tanto de mim!

AMANDA
Espero pelo menos que ele seja um tipo dinâmico e de futuro!

TOM
É, acho que ele é partidário da teoria do “melhora-te a ti mesmo”.

AMANDA
Que motivos você tem para crer isso?

TOM
Ele freqüenta a escola noturna.

AMANDA *(Radiante)*
Formidável! O que que ele segue, quero dizer, que cursos?

TOM
Radiotécnico e oratória.

AMANDA
Ah, então ele tem ambições de progredir na vida!
Qualquer jovem que estuda oratória visa a assumir um lugar de chefia algum dia.
E rádio? É um campo de muito futuro!
Ambos estes fatos são muito esclarecedores. São essas coisas que uma mãe tem que saber sobre qualquer rapaz que venha cortejar sua filha.
Cortejar. . . a sério ou não.

TOM
Posso fazer uma advertênciazinha? Ele nem sabe da existência de Laura.
Não deixei transparecer que tínhamos motivos ulteriores e misteriosos.
Apenas lhe disse: por que você não vem jantar conosco? Ele aceitou e foi só.

AMANDA
Quanto a isso não tenho dúvida! Você é eloquente como uma ostra. Bem, de qualquer modo ele saberá da existência de Laura assim que chegar. Assim que ele vir como ela é linda, terna e encantadora, erguerá as mãos para o céu por ter vindo jantar aqui.

TOM
Mamãe, você não deve confiar tanto nos encantos da Laura.

AMANDA
O que que você quer dizer?

TOM
Laura pode parecer tudo isso para você e para mim porque ela é nosso sangue e nós a amamos. Nós nem notamos mais que ela é aleijada.

AMANDA
Não diga "aleijada"! Você bem sabe que eu nunca permito que se use essa palavra!

TOM
Mas encare os fatos como são, mamãe, ela é mesmo e não é só isso. . .

AMANDA
O que você quer dizer, "não é só isso"?

TOM
Laura é muito diferente das outras moças.

AMANDA
Acho que a diferença é toda a favor dela.

TOM
Não toda. . . para quem não a conhece, os estranhos. . . ela é timidíssima e vive num mundo só seu e, você sabe, tudo isso a torna um pouco esquisita para os que estão de fora. . .

AMANDA
Não diga "esquisita"!

TOM
Encare os fatos, mamãe, ela *é* esquisita.
(A música do salão de dança muda para um tango que é tocado num tom menor e vagamente ameaçador.)

AMANDA
O que que ela tem de esquisita, se posso saber?

TOM *(Com ternura)*
Ela vive num mundo à parte, só dela. . . um mundo. . . de ornamentos de vidro, mamãe. . . *(Levanta-se,* AMANDA *permanece segurando a escova, olhando para ele, perturbada.)* Ela toca discos velhos na vitrola e. . . nada mais. . . *(Ele olha para si mesmo no espelho e move-se em direção à porta.)*

AMANDA *(Com rispidez)*
Aonde é que você vai?

TOM
Vou ao cinema. (Sai *pela porta de tela.)*

AMANDA
Para o cinema, não, toda noite ao cinema! *(Segue-o rapidamente até à porta de tela.)* Não acredito que você vá todas as noites ao cinema! *(Ele* já *se foi.* AMANDA *segue-o com a vista, com uma expressão preocupada, durante um momento. Logo depois ela recobra a vitalidade e o otimismo e vira-se, dando as costas para a porta. Cruzando em direção às* portières.) Laura! Laura!

(LAURA *responde da* kitchenette.)

LAURA
Que é, mamãe?

AMANDA
Deixe esses pratos aí e venha para a sala! (LAURA *aparece com o pano de pratos. Alacremente.)* Laura, venha cá e faça um pedido, agora que a Lua surgiu!

A IMAGEM NA TELA: *A Lua.*

LAURA *(Entrando)*
A Lua? A Lua?

AMANDA
Uma cimitarra prateada!
Olhe para trás pelo ombro esquerdo, Laura, e faça um pedido!

(LAURA *parece um tanto atônita como se tivesse acordado agora.* AMANDA *a segura pelos ombros e a* faz *voltar-se em ângulo junto à porta.)*

Agora!
Agora, meu bem, faça o pedido!

LAURA
O que que eu devo pedir, mamãe?

AMANDA
(Com a *voz trémula e com os olhos repentinamente cheios de lágrimas)*
Felicidade! Boa sorte!

(O som dos violinos aumenta e o palco se obscurece.)

Desce a Cortina

CENA 6

IMAGEM: *O herói ginasiano*

E foi assim que na noite seguinte eu levei Jim a casa para jantar. E o conhecia pouco do ginásio. No ginásio, Jim era um herói. Tinha um bom humor e uma vitalidade de irlandês fantásticos, tinha sempre o aspecto esfregado e brilhante de louça lavada há pouco. Parecia que um holofote o seguia em toda parte. Era um dos ases do basquete, chefe do clube de debates, presidente da classe mais adiantada e do clube de cantores e desempenhava o principal papel masculino nas operetas que montávamos anualmente no ginásio. Estava sempre correndo ou pulando, nunca andava como os outros. Parecia sempre a ponto de vencer a lei da gravidade. Tinha um sucesso tão vertiginoso durante a adolescência que todos, logicamente, esperavam que ele aos trinta anos acabaria na Casa Branca, nada mais nada menos. Mas parece que Jim encontrou dificuldades depois de sua formatura em Soldan. Sua velocidade diminuiu a olhos vistos. Seis anos depois de deixar o ginásio, estava num emprego não muito melhor do que o meu.

IMAGEM: *Um caixeiro*

Ele era o único na sapataria com quem eu tinha relações amistosas. Jim me considerava valioso porque era alguém que se lembrava de sua glória passada, que o vira vencer jogos de basquete e arrebatar a taça de prata no concurso de eloqüência. Sabia de meu estratagema secreto de retirar-me para um gabinete do banheiro para trabalhar nos meus poemas quando a loja estava meio parada. Ele me chamava de Shakespeare. E, enquanto os outros rapazes na sapataria me viam com uma hostilidade mesclada de suspeita, Jim me tomava pelo lado humorístico. Gradualmente, sua atitude contagiou os outros, sua hostilidade diminuiu e eles começaram a sorrir para mim como quem sorri para um cachorro de aspecto esquisito que surge em seu caminho a certa distância.

Eu sabia que Jim e Laura tinham-se conhecido em Soldan e tinha ouvido Laura referir-se à voz dele com admiração. Não sabia se Jim ainda se lembrava dela ou não. No ginásio, Laura passara tão despercebida quanto Jim se tornava espantoso. Se ele se lembrasse dela não era por ser minha irmã, porque quando eu o convidei para jantar, ele sorriu e disse: "Você sabe de uma coisa, Shakespeare? Nunca pensei que você tivesse família. . ."

Agora ele estava prestes a descobrir que eu a tinha.

(A luz ilumina o palco.)

LEGENDA NA TELA: *"Os passos inconfundíveis"*

(Sexta-feira à tarde. São mais ou menos cinco horas *de uma tarde do final da primavera que desce "espalhando poemas pelo céu afora".) (Uma delicada luz cor de limão no apartamento dos Wingfields.)*

(AMANDA *trabalhou como um mouro nos preparativos para a visita do cavalheiro. Os resultados são assombrosos. O novo abajur de pé de seda cor-de-rosa está em seu lugar, uma lanterna de papel colorido oculta a tomada da luz quebrada no teto, novas e enfunadas cortinas brancas ornam as janelas, capas de* Chintz *estão sobre as cadeiras e o sofá, duas novas almofadas fazem sua aparição em cena.)*

(Caixas abertas e papel de seda estão espalhados pelo chão.)

(LAURA *está no meio da sala com os braços erguidos enquanto* AMANDA *se abaixa em frente dela, ajustando a bainha do vestido novo, de maneira dedicada e ritual.* O *vestido é colorido e desenhado pela memória. O penteado de Laura está mudado, está agora mais suave e mais apropriado. Desprende-se de* LAURA *uma beleza frágil e etérea. Ela parece agora um cristal translúcido tocado pela luz, que lhe empresta uma radiação momentânea, não verdadeira, não duradoura.)*

AMANDA *(Impaciente)*
Por que você está tremendo?

LAURA
Mamãe, você sue faz ficar tão nervosa!

AMANDA
Nervosa? Por quê?

LAURA
Com toda essa confusão! Você faz tudo parecer. . . tão importante!
AMANDA
Eu não compreendo você, Laura. Você não se satisfazia com ficar em casa o tempo todo, no entanto, cada vez que eu tento lhe arranjar alguma coisa, você parece que resiste.
(Levanta-se.)
Agora olhe-se no espelho!
Não, espere! Espere um minuto. . . Tenho uma idéia!

LAURA

O que será agora?

(AMANDA *tira fora duas esponjas de pó-de-arroz que enrola em lenços e coloca no seio de* LAURA.)

Que é que você está fazendo, mamãe?

AMANDA
O que se chama de “disfarces sedutores”!

LAURA
Não vou usar isso!

AMANDA
Vai, sim, senhora!

LAURA
Por quê, mamãe?

AMANDA
Porque, para ser dolorosamente franca, seu peito é uma tábua.

LAURA
Da maneira como você age, parece que estamos preparando uma armadilha.

AMANDA
Todas as moças bonitas são armadilhas, uma armadilha encantadora, e é isso mesmo que os homens esperam.

LEGENDA: *“Uma armadilha encantadora”*

Agora olhe-se no espelho, *mademoiselle.* Você nunca ficará mais linda!
Agora tenho que me preparar! Você vai ficar surpresa com a aparência de sua mãe!
(Ela atravessa os reposteiros cantarolando alegremente.)

(LAURA *caminha lentamente em direção ao longo espelho e solenemente se contempla nele.)*

(O vento impele as cortinas brancas para dentro com um movimento vagaroso e cheio de graça e com um suspirar leve e melancólico.)

AMANDA *(Fora do palco)*
Ainda não está muito escuro. *(Ela se volta devagar em frente ao espelho com uma expressão preocupada.)*

LEGENDA NA TELA: *"Eis a minha irmã:*
Celebrem-na ao som de instrumentos de cordas !"

MÚSICA

AMANDA *(Idem, rindo)*
Vou lhe mostrar uma coisa. Vou fazer uma entrada espetacular!

LAURA
Como, mamãe?

AMANDA
Fique bem paciente, minha filha — você verá!
É uma coisa que ressuscitei daquele baú velho! Afinal, a moda não mudou tanto assim. . .
(Ela abre os reposteiros.)
Dê uma olhada em sua mãe!

(AMANDA *está usando um vestido juvenil, de* voile *amarelado com uma faixa de seda azul. Segura um buquê de junquilhos — a lenda de sua mocidade está quase reavivada. Febrilmente:)*

Foi este o vestido que usei quando liderei o *cotillon.* Com ele venci o concurso de *cakewalk* duas vezes em Sunset Hill, e fui com ele na primavera ao baile do Governador, em Jackson!
Viu como dancei o *chassé* com elegância no salão de baile, Laura?

(Ela ergue a saia e dança com passos miúdos pela sala.)

Eu o usava aos domingos para receber a visita de meus admiradores! Estava com ele no dia em que conheci seu pai. . .
Tive febre de malária a primavera inteira, aquele ano. Era a mudança de clima do Leste do Tenessi para a região do Delta — depauperou-me um pouco. . . — estava sempre com uma pontinha de febre — nada de sério. .. mas bastava para me deixar tonta e agitada! Os Convites choviam... festas na região inteira do Delta! "Fique na cama", mamãe dizia, "você está com febre, menina!", mas eu não podia! Tomava as doses de quinino e não parava um segundo! De noite, bailes! De tarde, passeios que não acabavam mais! Piqueniques maravilhosos! Tão deslumbrante aquela paisagem em maio! Todo rendilhado, de margaridinhas, uma enxurrada de junquilhos! Foi naquela primavera que eu tomei loucura por junquilhos. Junquilhos se tornaram uma verdadeira obsessão para mim. Mamãe dizia — "Mas, meu bem, não há mais espaço

para junquilhos.” Mas eu continuava a trazer mais e mais. Em qualquer lugar e a qualquer hora que eu os visse eu gritava:
“Pare! Pare! Olha ali junquilhos!” Fazia os rapazes me ajudarem a colher os junquilhos. Eu já virava até anedota com minha mania por aquelas flores! Até que afinal não havia mais vasos na casa para todos, qualquer cantinho livre estava empanturrado de junquilhos. Eu dizia: Se não há mais vasos para colocá-los, eu mesma vou segurá-los então! E foi aí que eu. . . *(Pára em frente à fotografia. Música)* . . . conheci seu pai!
Febre de malária, junquilhos e depois. . . aquele rapaz.. . .

(Ela liga o abajur cor-de-rosa.)

Espero que eles cheguem antes de começar a chover.

(Ela vai para a parte de trás do palco e coloca os junquilhos num jarro, sobre a mesa.)

Dei um trocado extra a seu irmão para ele e o Sr. O’Connor poderem tomar o táxi para vir. . .

LAURA *(Mudando de expressão)*
Como você disse que é o sobrenome dele?

AMANDA
O’Connor.

LAURA
E o nome?

AMANDA
Não me lembro. Ah, me lembro, sim. É. . . Jim!

(LAURA *baqueia um pouco e segura-se a uma cadeira.)*

LEGENDA NA TELA: *“Jim. . . Não!”*

LAURA *(Sussurrando)*
Jim. . . não!?

AMANDA
É sim, foi isso mesmo: Jim! Nunca conheci um Jim que não fosse simpático!

(MÚSICA: *Ameaçadora)*

LAURA
Você tem certeza de que o nome dele é Jim O'Connor?

AMANDA
Tenho. Por quê?

LAURA
É o mesmo que o Tom conhecia no ginásio?

AMANDA
Isso ele não me disse. Acho que ele o conheceu lá mesmo na loja.

LAURA
No ginásio havia um Jim O'Connor que nós dois conhecíamos. . . *(Depois, com esforço.)* Se for o mesmo que Tom está trazendo para jantar. . . peço desculpas, mas não aparecerei na sala.

AMANDA
Que bobagem é essa?

LAURA
Você me perguntou se alguma vez eu já tinha gostado de um rapaz. Você não se lembra que eu lhe mostrei a fotografia dele?

AMANDA
Ah, você quer dizer o rapaz que você me mostrou no álbum de formatura do colégio?

LAURA
Esse mesmo.

AMANDA
Mas, Laura, você estava apaixonada por aquele rapaz?

LAURA
Não sei, mamãe. Só sei que não posso sentar-me a mesa se for ele!
AMANDA
Não será ele! Não me parece nada provável. Mas seja ou não, você vai sentar-se conosco. Não tem desculpa!

LAURA
Mas você tem que me dispensar, mamãe.

AMANDA

Não estou com paciência para aturar seus caprichos, Laura! Já agüentei muita coisa de você e de seu irmão, dos dois!
De modo que vá tratando de se sentar e de ficar calma até eles virem. Tom esqueceu de levar a chave, portanto você é que abrirá a porta quando eles chegarem.

LAURA *(Tomada de pânico)*
Oh, mamãe. . . não! Abra você!

AMANDA *(Despreocupada)*
Estarei ocupada na cozinha!

LAURA
Oh, mamãe, por favor abra a porta, não me force!

AMANDA *(Caminhando rumo à* kitchenette)
Tenho que preparar o molho para o salmão. Tanta confusão, tanta tolice. . . por causa da visita de um cavalheiro.

(A porta se fecha. LAURA *está sozinha.)*

LEGENDA: *"Terror !"*

(Ela deixa escapar um leve gemido e apaga a lâmpada; senta-se rigidamente na beira do sofá, torcendo os dedos.)

LEGENDA NA TELA: *"A abertura da porta!"*

(TOM *e* JIM *aparecem nos degraus da escada de incêndio e sobem para* o *lance. Ouvindo-os aproximar-se,* LAURA *se levanta com um gesto de pânico. Retira-se por detrás dos reposteiros.)*

(Soa a campainha. LAURA *respira ofegante e toca a garganta. Tambores ressoam baixo.)*

AMANDA *(Chamando)*
Laura, meu bem! A porta!

(LAURA *olha fixamente para a porta sem se mover.)*

JIM
Acho que escapamos por pouco da chuva.

TOM

Ahan! *(Ele toca de novo, nervosamente. busca nos bolsos uns cigarro.)*

AMANDA *(Alegríssima)*
Laura, é seu irmão com o Sr. O'Connor! Você não vai deixá-los entrar, meu bem?

(LAURA *vai rumo à porta da* kitchenette.)

LAURA *(Sem fôlego)*
Mamãe. . . vá você abrir a porta!

(AMANDA *sai da* kitchenette *e encara* LAU*RA com raiva, apontando majestosamente para a porta.)*

LAURA
Por favor, mamãe, eu lhe peço!

AMANDA *(Num murmúrio feroz)*
O que é que você tem, sua boba?

LAURA *(Com desespero)*
Você abra, por favor, por favor!

AMANDA
Eu lhe disse que não ia fazer suas vontades, Laura. Por que você escolheu justamente agora para perder o juízo?

LAURA
Por favor, abra você, por favor, eu suplico!

AMANDA
Você tem que abrir porque eu não posso.

LAURA *(Desesperando-se)*
Nem eu!

AMANDA
Por quê, criatura?

LAURA
Estou. . . passando mal!

AMANDA

Ora, eu também, estou doente dessas suas asneiras! Por que você e seu irmão não são normais como todo mundo? Cheios de caprichos fantásticos e com comportamento incrível!

(TOM *toca a campainha longamente.)*

Que absurdo! Você pode me dar uma razão. *(Respondendo com voz lírica.)* Já *vouuu !* Um momentinho! — por que você tem medo de abrir a porta? Vamos, responda, Laura!

LAURA
Oh, oh, oh. . . *(Ela volta, através dos reposteiros. Corre celeremente e dá corda à vitrola com frenesi, fazendo-a funcionar.)*

AMANDA
Laura Wingfield, abra aquela porta i-me-di-a-ta-men-te!

LAURA
Está bem. . . está bem, mamãe!

(Uma execução longínqua e arranhada de Dardanella *suaviza a atmosfera e dá força suficiente a* LAURA *para movimentar-se nela. Dirige-se furtivamente à porta e cautelosamente a abre pela metade.)*

(TOM *entra com a visita,* JIM O'CONNOR.)

TOM
Laura, este é Jim. Jim; esta é minha irmã, Laura.

JIM *(Entrando)*
Eu não sabia que Shakespeare tinha uma irmã!

LAURA *(Retrocedendo rigidamente e tremendo)*
Como. . . como vai?

JIM *(Estendendo-lhe a mão efusiva e sinceramente)*
Okay!

(LAURA *a toca hesitantemente.)*

JIM
Sua mão está *fria,* Laura!

LAURA
Pois é. . .eu. . . estava tocando a vitrola. . .

JIM
Você deve ter tocado música clássica! É melhor tocar um pouco de *swing* bem animado para esquentar um pouco!

LAURA
Desculpe. . . ainda não acabei de ouvir os discos. . .

(Ela se volta e corre para a sala da frente. Pára um segundo junto à vitrola. Depois respira fundo e foge a toda brida pelos reposteiros como um cervo assustado.)

JIM *(Sorrindo largamente)*
O que houve?

TOM
Ah, com Laura? A Laura.. . *é* timidíssima!

JIM
Tímida, hem? É raro encontrar uma moça tímida hoje em dia. Acho que você nunca mencionou que tinha uma irmã.

TOM
Pois é, agora você já sabe. Tenho, sim. Olhe aqui o *Post Dispatch,* quer ler uma parte?

JIM
Ahan!

TOM
Qual você quer? As histórias em quadrinhos?

JIM
A página dos esportes! *(Olhando para o jornal rapidamente.)* O maluco do Dean foi punido por mau comportamento em campo.

TOM *(Desinteressado)*
Ah, foi? *(Acende um cigarro e dirige-se d porta da escada de incêndio.)*

JIM
E você. . . aonde é que vai?

TOM
Vou até o terraço.

JIM *(Indo atrás dele)*
Sabe de uma coisa, Shakespeare? Vou lhe vender uma idéia!

TOM
Que idéia?

JIM
É um curso que estou tomando.

TOM
O quê?

JIM
Um curso de oratória! Você e eu, nós não somos o tipo para trabalhar em depósitos!

TOM
Obrigado. . . que boa notícia!
Mas o que tem a oratória que ver com isso?

JIM
Ela prepara você. . . para posições de chefia!

TOM
Qual! . . .

JIM
Eu estou lhe dizendo que me fez um bem enorme, homem!

A IMAGEM: O Bureau *de um chefe executivo.*

TOM
Em que sentido?
JIM
Em todos! Pense um pouco: qual é a diferença entre mim, *você* e a turma do escritório? Massa cinzenta? Não! Capacidade? Não. Então o quê? Uma coisinha à-toa. . .

TOM
E que é essa coisinha à-toa?

JIM
Fundamentalmente significa.. . aprumo social! A capacidade de não se sentir inferior a ninguém e de impor-se em qualquer nível social!

AMANDA *(Fora do palco)*
Tom?

TOM
Que é, mamãe?

AMANDA
É você que está na sala com o Sr. O'Connor?

TOM
Sou, mamãe.

AMANDA
Bem, fiquem à vontade, hem?

TOM
Está bem, mamãe.

AMANDA
Pergunte ao Sr. O'Connor se ele quer lavar as mãos.

JIM
Ah, não. . . não, obrigado. . . Eu já lavei lá na loja. Tom. . .

TOM
Que é?

JIM
O Sr. Mendoza esteve me falando sobre você.

TOM
Bem ou mal?
JIM

- que você acha?
-

TOM
Pra dizer a verdade. . .

JIM
Você vai estar no olho da rua se você não acordar, rapaz!

TOM
Eu estou acordando.

JIM
Não parece.

TOM
É porque é um processo interior.

IMAGEM NA TELA: O *navio veleiro com a bandeira de pirata novamente*

TOM
Estou com planos de mudar. *(Encosta-se à balaustrada, falando com entusiasmo sereno. As marquisas incandescentes e os anúncios luminosos dos cinemas de primeira classe iluminam seu rosto com brilhos vindos do outro lado do beco. Ele tem a aparência de um viajante.)* Estou a ponto de assumir um compromisso com um futuro que não inclui a sapataria nem o Sr. Mendoza e nem mesmo um curso noturno de oratória.

JIM
Que conversa fiada é essa?

TOM
Estou cansado de filmes!

JIM
Filmes!

TOM
Isso mesmo, filmes! Basta olhar para eles! *(Com um gesto dirigido às maravilhas da Grand Avenue.)* Aquela gente glamorosa tola na tela. . . tendo aventuras. . . se divertindo a granel, se empaturrando das delícias da vida! Sabe o que acontece? Todo mundo pára de viver e começa a viver as histórias que vê nas fitas! Os personagens de Hollywood passam a viver todas as aventuras de todo mundo na América, enquanto todo mundo na América está sentado numa sala escura e os observa levarem a vida que os outros não levam! É isso mesmo. Até que estoura uma guerra. Aí então é que a aventura se torna acessível às massas! É a vez de *todo mundo* se divertir e não somente Clark Gable! Então o pessoal sentado na sala escura sai da sala escura para ter algumas aventuras pessoais! "Bacana", hem? Agora é a nossa vez, minha gente, de ir aos Mares do Sul. . . de fazer um safari na África.. . de ser exótico, de um pais distante!. . . Mas eu não tenho paciência. Não quero esperar até lá. Estou cansado de ver gente agir nas fitas e breve quem vai agir sou eu!

JIM *(Incredulamente)*

Agir?

TOM
Exatamente.

JIM
Quando?

TOM
Muito breve!

JIM
Onde? Para onde você vai?

(A música do 3º *tema musical parece responder* a *pergunta, enquanto* TOM *medita. Procurando alguma coisa nos bolsos.)*

TOM
Estou começando a ferver por dentro. Sei que pareço um tipo sonhador mas por dentro. . . estou fervendo, sabe? Cada vez que eu pego um sapato lá na sapataria, eu tremo, aterrorizado, pensando como a vida é curta e no que eu estou fazendo! A vida, seja o que for, não foi feita para vender sapatos. . . disso estou certo. . . sapatos só servem para os viajantes usarem! *(Acha o papel que procurava.)* Olhe aqui. . .

JIM
O que é isso?

TOM
Sou sócio agora.

JIM (*Lendo)*
Sindicato da Marinha Mercante.

TOM
Este mês paguei minha quota em vez da conta da luz.

JIM
Você vai se arrepender, quando cortarem a luz!

TOM
Já estarei longe!

JIM

E sua mãe?

TOM
Sou como meu pai. Um canalha filho de um canalha! Está vendo como ele sorri despreocupado? E ele sumiu há coisa de uns dezesseis anos!

JIM
Você só fala, "seu" chato. E que é que sua mãe acha disso tudo?

TOM
Psiu! Mamãe vem vindo! Ela não está a par dos meus planos!

AMANDA *(Entrando através dos reposteiros)*
Onde é que vocês estão?

TOM
No terraço, mamãe.

(Eles estão prestes a entrar. Ela se adianta para cumprimentá-los. TOM *mostra-se claramente chocado com sua aparência. Até* JIM *pisca um pouco. É o seu primeiro contacto com a vivacidade juvenil do Sul e apesar de seu curso noturno de oratória ele se sente um tanto desnorteado pela demonstração maciça e inesperada de graças sociais.)*

(JIM *tenta algumas respostas mas são logo varridas pelo riso alegre de* AMANDA *e pelo seu falatório álacre.* TOM *sente-se embaraçado mas, depois do primeiro choque,* JIM *reage com sincero calor humano. Sorri e ri sonoramente, vê-se que ele está "conquistado" por* AMANDA.)

IMAGEM: *Amanda quando mocinha*

AMANDA *(Sorrindo com recato, agitando seus cachinhos juvenis)*
Sim, senhor, sim, senhor, ora vejam: então este *é* o famoso Sr. O'Connor! Apresentações se tornam desnecessárias. Já ouvi tanto a seu respeito por parte de meu filho! Finalmente eu lhe disse: Tom — em nome de Deus! — por que você não traz esse modelo de virtudes para jantar conosco? Eu gostaria de conhecer esse seu colega tão simpático da sapataria! Em vez de só ouvir os elogios que você entoa a ele o tempo todo!
Não sei por que meu filho é tão retraído. . . não é o comportamento de um sulista que se preze!
Vamos nos sentar e — acho que podíamos ter mais ar aqui dentro! Tom, deixe a porta aberta. Senti uma brisa muito fresca há pouco. Para onde terá ido?
Hum, que calor já faz, hem? E ainda nem chegou bem o verão. Acho que vamos torrar quando o verão começar de verdade.

Mas, eu queria lhe dizer, nós vamos jantar. . . vamos jantar muito leve. O senhor sabe? Eu acho que alimentos leves são melhores para esta época do ano. Assim como usamos roupas leves. Roupas e alimentos leves são o que o calor exige. Nosso sangue fica grosso durante o inverno. . . levamos um pouco de tempo para *nos adaptarmos.* . . quando muda a estação.
Chegou tão depressa este ano! Confesso que não estava preparada. De repente — Deus do céu! — já é verão! Corri para o baú e tirei de dentro este vestido levezinho. . . É horrivelmente velho! Quase histórico! Mas é tão gostoso, tão gostoso e fresco, o senhor sabe. . .

TOM
Mamãe...

AMANDA
Que *é,* meu bem?

TOM
Não acha bom... jantarmos?

AMANDA
Meu bem, vá lá perguntar à sua irmã se o jantar está pronto! Você sabe que sua irmã está inteiramente encarregada do jantar!
Diga-lhe que vocês estão famintos, esperando!
(Para JIM)
O senhor já conheceu Laura?

JIM
Ela. . .

AMANDA
Abriu a porta? Ah, que bom, então já foram apresentados. É raro realmente que uma moça tão terna e tão bonita quando Laura seja boa dona de casa também! Mas Laura, graças a Deus, é não só muito bonita como também muito doméstica. Sou o contrário. Nunca tive jeito para casa. Nunca soube preparar nada a não ser bolo de esponja. Bem, no Sul, nós tínhamos tantos empregados em casa! Agora, já se passou o tempo, já se passou! Foram-se todos os vestígios de uma vida aristocrática... Foram-se completamente! Eu, na realidade, não estava preparada para o destino que o futuro me reservou. Todos os meus cortejadores eram filhos de fazendeiros ricos e naturalmente imaginei que me casaria com um deles e criaria minha família numa propriedade grande, com muitos empregados. Mas o homem propõe. . . e a mulher aceita a proposta! Para variar um pouco aquele ditado tão antigo.. . Resultado: não me casei com um fazendeiro. Casei-me com um homem que trabalhava na Companhia Telefônica! Aquele cavalheiro ali, sorrindo com garbo! *(Aponta para a fotografia.)* Um homem da Telefônica que. . . se apaixonou pelos lugares distantes

de onde vinham os chamados interurbanos! E agora ele viaja mundo afora e eu nem sei onde ele anda! Mas por que estou lhe contando minhas tribulações?
Conte-me as suas... Espero que o senhor não tenha nenhuma!
Tom!

TOM *(Voltando)*
Que é, mamãe?

AMANDA
O jantar já está quase pronto?

TOM
Parece que o jantar já está na mesa.

AMANDA
Deixe-me ver um segundo. *(Levanta-se graciosamente e olha através dos reposteiros.)* Oh, que amor! Mas onde está sua irmã?

TOM
Laura não está passando bem e disse que acha melhor ela não vir à mesa.

AMANDA
O quê? Ora, que tolice! Laura! Ó, Laura!

LAURA *(Fora do palco, com voz fraca)*
Que é, mamãe?
AMANDA
Você tem que vir à mesa, não tem desculpa. Não nos sentaremos até você vir!
Entre, Sr. O'Connor, sem cerimônia. Por favor, sente ali e eu...
Laura! Laura Wingfield!
Estamos esperando por você, queridinha! Não podemos rezar a oração de graças antes de você vir!

(A porta de trás é empurrada debilmente e LAURA *entra. Ela dá sinais óbvios de estar fraquíssima, com os lábios trêmulos, os olhos bem abertos e com o olhar fixo. Dirige-se com passos incertos até á mesa.)*

LEGENDA: *"Terror!"*

(Fora, uma tempestade de verão prenuncia-se repentinamente. As cortinas brancas, enfunadas, entram pelas janelas adentro. Ouve-se um murmúrio indistinto e tristonho na atmosfera crepuscular de um azul profundo.)

(LAURA *de repente tropeça, segura-se a uma cadeira com um leve gemido.)*

TOM
Laura!

AMANDA
Laura!

(Ouve-se o ribombar do trovão.)

LEGENDA: *"Ah!"*

(Com *desespero.)*

Mas Laura, você está doente, minha querida! Tom, ajude-me a levar sua irmã para o *Iiving,* meu filho!
Sente-se no *living,* Laura — descanse ali no sofá.
Ora, vejam!

(Dirigindo-se ao cavalheiro de visita.)

Essa história de ficar em cima do fogão quente cuidando do jantar foi que lhe fez mal! Eu bem lhe disse que hoje a noite estava quente demais, mas. . .

(TOM *volta.* LAURA *está reclinada no sofá.)*

Ela está bem agora?
TOM
Está, sim.

AMANDA
Que barulho é esse? Chuva? Está caindo uma chuvinha refrescante!

(Olhando para o cavalheiro de visita com uma expressão assustada.)

Acho que. . . podemos dar as graças. . . agora. . .

(TOM *olha para ela com ar apalermado.)*

Tom, meu filho, faça a oração por nós!

TOM
Ah!. . .
"Por estas e todas as Vossas mercês. . ."

(Os três baixam, a cabeça, AMANDA *olhando furtiva e nervosamente para* JIM. *No* living, LAURA, *reclinada no sofá, aperta os lábios com a mão para sufocar um soluço convulso.)*

"Seja bendito Vosso Sacro Nome. . ."

A cena se obscurece

CENA 7

Um souvenir.
Meia hora depois. Estão terminando de jantar na parte detrás do palco, que está oculta por reposteiros fechados.
Ao levantar-se a cortina, LAURA *está ainda enrolada no sofá, sentada sobre seus pés, com a cabeça descansando numa almofada azul-clara, os olhos bem abertos e misteriosamente vigilantes.0 novo abajur de pé, com a cobertura de seda cor-de-rosa esparge um brilho bonito em seu rosto, fazendo ressaltar sua beleza juvenil, frágil e etérea, que geralmente passa despercebida. Ouve-se o ruído constante da chuva, mas decrescendo e chegando a parar logo depois que a cena tem início,* O *ar lá fora se torna pálido e luminoso quando a Lua surge entre as nuvens.*
Um momento depois de a cortina levantar-se, as luzes de ambos os recintos tremem e se apagam.

JIM
Ei, que história é essa, D. Lâmpada?

(AMANDA *ri nervosamente.)*

LEGENDA: *"Interrupção de um serviço de utilidade publica"*

AMANDA
Onde estava Moisés quando as luzes se apagaram? Há, há.ha. Sabe responder esta, Sr. O'Connor?

JIM
Não, senhora, qual é a resposta?

AMANDA

Estava no escuro!

(JIM *ri, apreciando a piada.)*

Fiquem todos sentados. Vou acender as velas. Que sorte que elas estão aqui na mesa, não é? Onde estão os fósforos? Um dos cavalheiros terá por acaso um fósforo?

JIM
Olhe aqui.

AMANDA
Muito agradecida!

JIM
De nada, minha senhora!

AMANDA
Acho que os fusíveis queimaram. Sr. O'Connor, o senhor sabe ver quando os fusíveis estão queimados? Eu não sei e Tom é uma negação para coisas mecânicas.

(SOM: *Pessoas levantando-se. As vozes retiram-se um pouco para longe, em direção à* kitchenette.)

Oh, cuidado para não bater em algum móvel! Não queremos que nossa visita quebre a perna! Seria uma excelente hospitalidade, hem?

JIM
Ha ha!
Onde está a caixa dos fusíveis?

AMANDA
Aqui ao lado do fogão. O senhor consegue enxergar alguma coisa?

JIM
Um momentinho só.

AMANDA
A eletricidade é uma coisa misteriosa, não?
Não foi Benjamin Franklin que amarrou uma chave na linha de um papagaio de papel?
Vivemos num universo tão misterioso, não acha? Algumas pessoas dizem que a ciência esclarece todos os mistérios para nós. Na minha opinião só cria outros! Achou?

JIM
Não, senhora. Todos esses fusíveis parecem em perfeita condição.

AMANDA
Tom!

TOM
Senhora!

AMANDA
E a conta da luz que eu lhe dei há dias? A que eu disse que já tínhamos recebido o aviso da Companhia?

LEGENDA: *"Ha, ha,!"*

TOM
Ah, é mesmo!

AMANDA
Será que você se esqueceu de pagá-la, por acaso?

TOM
Pois eu. . .

AMANDA
Não pagou! Eu sabia!
JIM
Quem sabe o Shakespeare escreveu um poema nas costas da conta da luz, Sra Wingfield?

AMANDA
Eu não devia ter confiado uma coisa dessas a você! Paga-se um preço tão alto pela negligência neste mundo!

JIM
Pode ser que o poema ganhe um prêmio de dez dólares.

AMANDA
Pelo visto, vamos ter que passar o resto da noite em pleno século XIX, antes de o Sr. Edison ter inventado a lâmpada Mazda!

JIM
A luz de que mais gosto é a de velas.

AMANDA
Isso prova que o senhor tem espírito romântico! Mas não desculpa o esquecimento de Tom.
Bem, terminamos o jantar. Foi muito delicado da Companhia de Luz esperar que acabássemos o jantar para nos mergulhar nessa escuridão eterna, não acha Sr. O'Connor?

JIM
Há, há!

AMANDA
Tom, como punição para sua negligência você vai me ajudar a lavar os pratos.

JIM
Deixe-me auxiliar também.

AMANDA
Ora, era só o que faltava!

JIM
Devo ter serventia para alguma coisa.

AMANDA
Serventia para alguma coisa? *(Ela assume um tom rapsódico.)*
O *Sr.?* Ora, Sr. O'Connor, ninguém, mas ninguém mesmo me divertiu tanto nos últimos anos quanto o senhor!
JIM
Ora, não exagere, Sra Wingfield!

AMANDA
Não estou exagerando nem um pouco! Ah, mas a irmãzinha está lá toda abandonada, sozinha. Vá fazer-lhe companhia no salão!
Tome, leve este lindo candelabro antigo que estava há tempos no altar da igreja do Sagrado Repouso. Perdeu um pouco a forma com o incêndio que destruiu a igreja. Um raio atingiu-o em plena primavera. Gypsy Jones estava dirigindo uma concentração religiosa naquela época e insinuou que a Igreja foi destruída porque os episcopais costumavam dar festas onde se jogava baralho.

JIM
Ha, ha!

AMANDA
E que tal se o senhor persuadisse a irmãzinha a tomar um pouco de vinho?

Acho que lhe faria bem! O senhor pode carregar os dois ao mesmo tempo?

JIM
Claro. Sou o super-homem!

AMANDA
E você, Tomás, vista este avental!

(A porta da kitchenette *se fecha, abafando o riso álacre de Amanda; a luz trêmula se aproxima dos reposteiros.)*

(LAURA *senta-se, ereta, nervosamente, quando* JIM *entra. A princípio ela fala baixo, sem fôlego, devido ao esforço quase intolerável de estar sozinha com um estranho.)*

LEGENDA: *"Suponho que você nem se lembra de mim!"*

(No início desta cena, antes de o calor humano de JIM *vencer a timidez que a paralisa,* LAURA *fala a princípio com uma voz fraca e ofegante, como se tivesse acabado de subir correndo uma escada íngreme.)*

(A atitude de JIM é marcada por um humorismo delicado. No desempenho desta cena deve ficar bem claro que, ao passo que este incidente do pré-encontro em si é sem importância, para LAURA e*le constitui o climax de sua vida secreta.)*

JIM
Então, como vai, Laura?
LAURA *(Com voz abafada)*
Bem. . . *(Pigarreia.)*

JIM
Como está se sentindo? Melhor?

LAURA
Sim, melhor. . . obrigada.

JIM
Isto é para você. Um cálice de licorzinho feito em casa. (*Ele o estende até ela com galanteria excessiva.)*

LAURA
Muito obrigada.

JIM

Beba tudo. . . mas não se embriague, bem?

(Ele ri com gosto. LAURA *segura o cálice hesitantemente, ri com timidez.)*

Onde ponho as velas?

LAURA
Oh. . . em qualquer lugar. . .

JIM
Que tal aqui no chão? Faz objeção?

LAURA
Não.

JIM
Vou espalhar um jornal debaixo para as gotas que caírem. Gosto de sentar no chão. Você se importa?

LAURA
Não. . . ora. . .

JIM
Quer me dar uma almofada?

LAURA
O quê?
JIM
Uma almofada!

LAURA
Ah!. . . *(Entrega-lhe uma rapidamente.)*

JIM
E você? Não gosta de sentar no chão?

LAURA
Eu. . . eu gosto!

JIM
Por que não senta, então?

LAURA
Está. . . está bem.

JIM
Pegue uma almofada para você! LAURA *obedece. Senta-se do outro lado do candelabro.* JIM *cruza as pernas e sorri sedutoramente para ela.)* Mal posso ver você sentada assim tão longe!. . .

LAURA
Eu. . . estou vendo bem você.

JIM
Eu sei, mas não é justo, estou no foco da luz. (LAURA *coloca a almofada mais próximo de* JIM.) Isso! Agora sim, estou vendo você. Está cômoda?

LAURA
Estou.

JIM
Eu também. Cômodo feito uma vaca! Quer mastigar chicletes?

LAURA
Não, obrigada.

JIM
Bem, vou tomar a liberdade, com sua permissão. *(Desembrulha o chiclete com expressão meditativa e o ergue contra a luz.)* Já pensou na fortuna que fez o sujeito que inventou o primeiro pedaço de chiclete? Espantoso, hem? O Edifício Wrigley é uma das vistas mais imponentes de Chicago. Fui vê-lo no verão do ano atrasado quando fui visitar a Exposição do Século do Progresso. Você viu a Exposição?

LAURA
Não, não vi.

JIM
Foi uma exposição e tanto! Mas o que mais me impressionou foi *o* Pavilhão das Ciências. Dava uma idéia do que será o futuro nos Estados Unidos, mais fantástico ainda do que o presente! *(Pausa. Sorrindo para ela:)* Seu irmão me disse que você é acanhada. É verdade, Laura?

LAURA
Eu. . . eu não sei.

JIM
Na minha opinião, acho que você é o tipo da moça antiquada. Bem, acho que é um tipo muito bom de se ser! Espero que você não esteja me achando indiscreto, está?

LAURA *(Rapidamente, premida pelo embargo)*
Acho que vou aceitar um pedaço de chicletes, se você não se importar. *(Pigarreando.)* Sr. O'Connor. . . você continuou com o canto?

JIM
Canto? Eu?

AMANDA
Sim, me lembro da voz linda que você tinha.

JIM
Quando você me ouviu cantar?

(Voz fora do palco durante a pausa)

voz

(Cantando fora do palco)

O blow, ye winds, heigh ho!
A-roving I will go!
l'm off to my love
With a boxing glove. . ..
Ten thousand miles away!

JIM
Você disse que já me ouviu cantar?

LAURA
Já, muitas vezes! Suponho que. . . você não se lembra nada de mim?

JIM *(Sorrindo, em dúvida)*
Sabe? Tenho uma vaga idéia de tê-la visto antes. Isso me ocorreu logo que você abriu a porta. Parecia até que eu estava para me lembrar de seu nome. Mas o nome com que eu ia chamá-la. . . não era bem um nome! Por isso parei antes de pronunciá-lo.

LAURA
Não era. . . rosas azuis?

JIM *(Com um movimento súbito. Sorri satisfeito.)*
Rosas azuis! Caramba, é isso mesmo! Rosas azuis!

Era isso que estava na ponta da minha língua quando você abriu a porta!
É engraçado como a memória nos prega peças, bem? Não liguei você com os tempos do ginásio, não sei por quê.
Mas foi lá, sim, foi no ginásio. Ora, eu nem sabia que você era irmã do Shakespeare! Puxa, desculpe, viu?

LAURA
Eu não esperava que você se lembrasse. Você. . . mal me conhecia!

JIM
Mas nós nos falamos algumas vezes, não?

LAURA
Falamos sim, algumas vezes.

JIM
Quando você me reconheceu?

LAURA
Oh, imediatamente!

JIM
Assim que eu entrei?

LAURA
Quando ouvi seu nome pensei que provavelmente seria a mesma pessoa.
Eu sabia que Tom conhecia um pouco você lá do ginásio. Por isso, quando você apareceu ali na porta. . .
Bem, então eu tive a certeza.

JIM
E por que você não disse nada?

LAURA *(Sem fôlego)*
Eu não sabia o que dizer! Eu estava. . . tão surpresa!

JIM
Ora, sim senhor? Que engraçado, não é?

LAURA
É. . . não é mesmo?

JIM

Nós não éramos colegas de um curso qualquer?

LAURA
Éramos.

JIM
Era aula de quê?

LAURA
De. . . de canto! Estávamos no coro do colégio!

JIM
Ah, é?

LAURA
Nós nos sentávamos cada um de um lado no Auditório.

JIM
Ah, é?

LAURA
Segundas, quartas e sextas.

JIM
Ah, agora me lembro: você sempre chegava atrasada.
LAURA
Chegava sim: era tão difícil para mim subir as escadas. Usava aquele aparelho na perna. . . e fazia um barulho pavoroso!

JIM
Não ouvi barulho algum.

LAURA *(Recuando diante da reminiscência)*
A meus ouvidos soava. . . como um trovão!

JIM
Não me diga! E nunca notei nada.

LAURA
E todo mundo já estava sentado quando eu entrava. Tinha que passar em frente daquela gente toda. Meu lugar era na fila detrás. Tinha que subir as escadas inteiras com o barulho do aparelho. E com todo o mundo me olhando!

JIM

Ora, você não devia se preocupar tanto!

LAURA
Sei, mas não adiantava. Eu só respirava aliviada quando começava a cantar.

JIM
Ah, agora sim, que me recordo! Eu costumava chamá-la de rosas azuis. Por que foi que eu lhe pus esse apelido?

LAURA
Eu estive adoentada um tempo com pleurisia e fui para fora. Quando eu voltei às aulas você me perguntou o que eu tinha tido. Eu respondi que tinha tido estado em Rochosas Azuis e você entendeu *rosas azuis*. E dai em diante você só me chamou assim!

JIM
Espero que você não tenha ficado aborrecida.

LAURA
Oh, que nada! Eu. . . gostava. Você sabe? Eu. . . não me dava com muita gente. . .

JIM
Eu me lembro que você era do tipo calado, solitária.

LAURA
Eu. . . eu nunca tive muita sorte. . . em fazer amigos.

JIM
Não vejo por quê.

LAURA
Bem, eu. . . realmente. . . comecei mal.

JIM
Por ser . . .

LAURA
Sim.. . Era um obstáculo que se erguia entre mim e. . .

JIM
Você devia lutar!

LAURA

Pois é, mas não adiantava. . . depois. . .

JIM
Você era tímida com as pessoas!

LAURA
Bem que eu tentei mudar, mas *não* consegui nunca.

JIM
Vencer a timidez?

LAURA
Nunca, não consegui nunca!

JIM
Acho que a gente só vence a timidez aos poucos. .

LAURA *(Com tristeza)*
É sim, acho que. . .

JIM
Demora!

LAURA
É. . .
JIM
Mas as pessoas não são tão ruins quando a gente as conhece. Disso é que você precisa se lembrar! E todo mundo tem problemas, não é só você, mas praticamente todo mundo tem problemas.
Você pensa que você é a única que tem problema, a única que sofre desilusões. Mas basta olhar em volta e verá muita gente boa tão desiludida quanto você. Por exemplo, era meu desejo, quando eu freqüentava o ginásio, estar muito mais adiante na minha carreira hoje do que estou agora, depois de seis anos.. . Você se lembra daquele artigo elogioso que publicaram no jornal do colégio, no *Torch*, a meu respeito?

LAURA
Lembro-me sim! *(Ela se levanta e vai até à mesa.)*

JIM
Diziam que eu teria sucesso em qualquer carreira que abraçasse! (LAURA *volta* com *o álbum do colégio.)* Não brinca! O jornal do colégio! *(ele o* segura *com reverência.* LAURA *e* JIM *sorriem, vendo o álbum, com espanto mútuo.* LAURA

senta-se ao *lado dele e ambos começam a folheá-lo. A timidez de* LAURA *se está dissolvendo ao contacto do calor humano de* JIM.)

LAURA
Olhe aqui você em Os *Piratas de Penzâncio!*

JIM *(Entregue às suas reminiscências)*
Cantei o papel principal, de barítono, naquela opereta.

LAURA *(Extasiada)*
E cantou. . . *maravilhosamente!*

JIM *(Protestando)*
Ora. . .

LAURA
Foi sim, maravilhosamente, um deslumbramento!

JIM
Você me ouviu?

LAURA
Todas três vezes!

JIM
Não!
LAURA
Ouvi!

JIM
Todas as três representações?

LAURA *(Olhando para o chão)*
Todas.

JIM
Por quê?

LAURA
Eu. . . queria pedir. . . para você autografar meu programa.

JIM
E por que não me pediu?

LAURA
Você estava sempre rodeado de seus amigos, tanto que nunca tive oportunidade de me aproximar.

JIM
Ora, bastava você. . .

LAURA
Bem, fiquei com medo que você pensasse que eu. . .

JIM
Que eu pensasse que você. . . o quê?

LAURA
Oh...

JIM *(Recordando com delícia)*
Eu estava cercado de fãs à beça naqueles tempos. .

LAURA
É sim, você era popularíssimo!

JIM
Se era. . .

LAURA
Você tinha um jeito assim. . . simpático.

JIM
Sabe de uma coisa? Mimaram-me demais no ginásio!

LAURA
Todo mundo. . . gostava de você!

JIM
Inclusive você?

LAURA
Eu, sim. . . eu também. . . (Ela *delicadamente fecha o livro sobre* o *colo.)*

JIM
Ora, contando ninguém acredita, bem? Dê-me o programa, Laura. *(Ela o entrega a ele, que* o *assina rebuscadamente.)* Pronto, antes tarde do que nunca!

LAURA
Oh, eu. . . que surpresa!

JIM
Agora minha assinatura não vale muito.
Mas algum dia — talvez — aumentará de valor!
Estar desapontado é uma coisa e estar desanimado é outra.
Eu estou desapontado mas não desanimado.
Tenho 23 anos.
Que idade você tem?

LAURA
Vou fazer vinte e quatro em junho.

JIM
Você não é velha!

LAURA
Não sou, mas. . .

JIM
Você terminou o ginásio?

LAURA *(Com dificuldade)*
Não voltei nunca mais lá.
JIM
Quer dizer: abandonou tudo?

LAURA
Tirei notas ruins nos exames finais. *(Ela se levanta e coloca o álbum e o programa no lugar.)* Como vai. .. a Emily Meisenbach?

JIM
Aquela cabeça de chucrute?

LAURA
Por que você a chama assim?

JIM
É o que ela é!

LAURA
Você não está mais. . . não é mais namorado dela?

JIM
Não a vejo nunca.

LAURA
Mas na parte social do álbum diziam. . . que vocês estavam — noivos!

JIM
Sei, mas não me deixei impressionar por essa propaganda!

LAURA
Entro não era.. . verdade?

JIM
Só na opinião otimista da Emily!

LAURA
Oh!...

LEGENDA: *"O que você têm feito depois do colégio?"*

(JIM *acende um cigarro e se recosta indolentemente apoiado nos cotovelos, sorrindo para* LAURA *com um calor humano e um* charme, *que ilumina por dentro com velas de altar. Ela fica junto ti mesa e revira em suas mãos um animalzinho de sua coleção para disfarçar seu rebuliço interior.)*

JIM *(Depois de várias baforadas pensativas)*
O que você tem feito depois que acabou o ginásio? *(Ela não parece ouvi-lo.)* Hem? (LAURA *olha para ele.)* Perguntei o que você tem feito depois do ginásio, Laura?

LAURA
Ah, nada de importante.

JIM
Você deve ter feito *alguma coisa* durante estes 6 anos!

LAURA
Fiz. . .

JIM
Bem, o quê, por exemplo?

LAURA
Entrei para um curso comercial numa escola de comércio. . .

JIM
E que tal o resultado?

LAURA
Bem, não foi muito bom. . . tive que desistir, porque me dava indigestão.

*(*JIM *ri de maneira compreensiva)*

JIM
E atualmente, o que você está fazendo?

LAURA
Ah, não faço. . . muita coisa. Oh, não pense que fico sem fazer nada o dia todo! Minha coleção de vidro, por exemplo, toma um bocado de tempo. Vidro é coisa que exige muito cuidado.

JIM
O que você disse. . . sobre vidro?

LAURA
A coleção. . . a minha, quero dizer. . . *(Ela pigarreia e vira-se para o lado novamente, profundamente tímida.)*

JIM *(Abruptamente)*
Você sabe o que é que eu acho que está errado com você?
Seu complexo de inferioridade! Sabe o que é isso? É o nome que dão para aqueles que confiam pouco em si mesmos.
Compreendo isso muito bem, porque também já sofri disso. Embora no meu caso não fosse tão grave como o seu parece ser. Eu tinha isso até freqüentar o curso de oratória. Desenvolvi minha voz e soube que tinha aptidão para as ciências. Antes, eu pensava que era uma pessoa sem qualquer qualidade extraordinária, em qualquer campo!
Bem, é verdade que nunca estudei o assunto a fundo, mas tenho um amigo que diz que sou capaz de analisar as pessoas melhor do que os médicos que ganham a vida com isso. Não posso dizer que seja cem por cento verdade, mas tenho um dom para adivinhar a psicologia de uma pessoa, Laura. (Retira *o chiclete da boca.)* Desculpe. Sempre retiro o chiclete depois que perde o sabor. Posso usar este pedaço de papel para embrulhá-lo? É horrível quando fica preso no sapato, não é?
Pois é isso. . . esse é que é, na minha opinião, seu principal problema. Falta de confiança em si mesma como indivíduo. Você não tem a confiança que deveria ter em si mesma. Estou baseando esta afirmação numa série de observações que você

fez e em coisas que reparei. Por exemplo, o barulho do seu aparelho que você pensava que fosse tão horroroso no ginásio. Você disse que tinha até pavor de entrar na classe. E viu o que aconteceu? Deixou o colégio, abandonou sua instrução por causa de um ruído à-toa, que eu saiba era praticamente inexistente! Um defeito físico mínimo é o que você tem. Quase imperceptível. Mas que a sua imaginação aumentou milhares de vezes! Sabe qual é o conselho sério que tenho para lhe dar? Pense que você é *superior* aos outros, em alguma coisa!

LAURA
Em quê, por exemplo?

JIM
Ora, bolas, Laura! Basta você olhar em torno de você! O que é que vê? Um mundo formado por gente igual uns aos outros. Todos nasceram um dia e todos terão que morrer um dia!
Quem, entre esses milhões, tem um décimo de suas qualidades? Ou das minhas? Ou de qualquer outra pessoa, para dizer a verdade? Puxa, vida! Cada pessoa tem uma qualidade que sobressai das outras. Algumas têm até varias!

(Inconscientemente ele se olha no espelho.)

Você só tem que descobrir *em que* você *é* superior!
Veja o meu caso, por exemplo.

(Ele ajusta a *gravata olhando-se ao espelho.)*

Meu interesse, por acaso, é pela eletrodinâmica, assim como poderia ser por outra coisa qualquer. Estou freqüentando um curso noturno de radiotécnico. Laura, além de arcar com um emprego de muita responsabilidade no depósito, estou com esse curso e estudo também oratória.

LAURA
O quê!

JIM
Porque eu creio no futuro da televisão!

(Voltando-se para ela.)

Quero estar pronto para seguir o sucesso que ela terá. Por isso estou planejando a subida desde o andar térreo. Aliás, já fiz uns bons contatos e só o que falta é a indústria tocar para a frente! A todo vapor!

(Visionário.)

Conhecimento — zppp! Dinheiro-zuppp — Poderio!
Esse é o ciclo sobre o qual se ergue a Democracia!

(Sua atitude é de um dinamismo convincente. LAURA *o olha fixamente, até sua timidez está eclipsada pela sua admiração absoluta por* JIM. De *repente ele sorri calorosamente.)*

Aposto que você está pensando que eu me acho o máximo!

LAURA
Nãão. . . eu até. . .

JIM
E você? Não existe alguma coisa que lhe desperta mais interesse do que tudo no mundo?

LAURA
Sim, realmente, como eu disse. . . a minha coleção de vidro .
(Ouve-se uma sonora gargalhada juvenil feminina provinda da cozinha.)

JIM
Não sei bem do que você está falando.
Que tipo de vidro?

LAURA
Peças, ornamentos na maioria!
A maioria é de animaizinhos feitos de vidro, os bichinhos menores do mundo inteiro. Mamãe os chama de meu zoológico de vidro!
Olhe aqui um exemplar, se quiser ver!
Este é um dos mais antigos. Já tem treze anos, quase.

(MÚSICA: O *Zoológico de vidro)*

(Ele estende a mão.)

Oh, cuidado! — basta se respirar mais forte e ele se rompe!

JIM
Então é melhor eu não pegar. Sou muito desajeitado com as coisas.

LAURA
Não, pegue, eu o confio a você!

(Coloca-o na palma da mão dele.)

Viu? Você está segurando com cuidado!
Veja-o contra a luz, ele adora a luz! Está vendo como a luz brilha através dele?

JIM
Puxa, brilha um bocado!

LAURA
Eu devia ser imparcial, mas este é meu favorito.

JIM
Que bicho ele representa?

LAURA
Você não notou o chifre único na testa?

JIM
Ah, um unicórnio, bem?

LAURA
Hum-hum!. . .

JIM
Unicórnios.., mas eles não estão extintos no mundo moderno?
LAURA
Sei que estão!

JIM
Coitado, deve se sentir um tanto solitário, hem?

LAURA *(Sorrindo)*
Bem, pelo menos ele não se queixa. Fica na mesma prateleira com os cavalos sem chifres e todos parecem se dar muito bem juntos.

JIM
Como você sabe?

LAURA *(Despreocupada)*
Nunca ouvi brigarem!

JIM *(Sorrindo)*
Não brigam, hem? Bem, isso é bom sinal!
Onde o ponho?

LAURA
Pode pô-lo em cima da mesa. Todos gostam de vez em quando de mudar de ambiente!

JIM *(Espreguiçando-se)*
Ora, quem diria, hem? Sim, senhora!
Olhe como minha sombra fica enorme quando eu me espreguiço!

LAURA
Oh, é mesmo! Vai até o teto!

JIM *(Caminhando para* a *porta)*
Acho que parou de chover. *(Abre a porta da escada de incêndio.)*
De onde é que vem a música?

LAURA
Do Salão de Danças Paraíso, em frente.

JIM
E que tal nós arrastarmos o pé um pouco, hem, Srta. Wingfield?

LAURA
Oh, eu...

JIM
Ou seu *carnet* já está completo? Deixe-me ver. *(Segura um carnet imaginário.)* Ué, todas as danças já estão prometidas. Já vi que vou ter que riscar uns nomes! (MÚSICA DE VALSA: *La Golondrina)* Ahhh! uma valsa! *(Ele dá umas voltas vistosas, sozinho, e depois estende os braços para* LAURA.)

LAURA *(Ofegante)*
Mas eu. . . não sei dançar!

JIM
Lá vem você de novo com essa história do complexo!

LAURA
Mas nunca dancei na minha vida!

JIM
Ora, venha, tente!

LAURA

Oh, mas posso pisá-lo. . .

JIM
Não há perigo, não sou de vidro.

LAURA
Como... *é* que. . . começamos?

JIM
Deixe isso comigo. Você só estenda um pouco os braços.

LAURA
A. . . assim?

JIM
Um pouco mais alto. Isso! Agora não fique toda dura, isso é o mais importante: não fique tensa!

LAURA
(Rindo sem fôlego)
É difícil. . .

JIM
Okay!

LAURA
Acho que você não consegue me fazer sair do lugar.

JIM
Quanto quer apostar que consigo? *(E1e a faz mover-se, com um gesto vigoroso.)*

LAURA
Meu Deus, é mesmo!

JIM
Entregue-se, Laura, não faça esforço nenhum.

LAURA
Estou. . .

JIM
Vamos!

LAURA

Tentando!

JIM
Não fique dura. . . devagar, devagar!

LAURA
Sei, mas eu. .

JIM
Amoleça o corpo! Assim! Agora está muito melhor!

LAURA
Estou mesmo?

JIM
Muito, muito melhor!

(Ele a conduz pela sala dançando uma valsa um tanto desajeitada.)

LAURA
Meu Deus!

JIM
Ha, ha!

LAURA
Nossa Senhora!

JIM
Ha, ha, ha! *(De repente chocam-se contra a mesa*. JIM *pára.)* Contra que nós batemos?

LAURA
Contra a mesa.

JIM
Caiu alguma coisa? Acho. . .

LAURA
Caiu.

JIM
Espero que não tenha sido o cavalinho com o chifre!

LAURA
Foi ele.

JIM
Oh, ai, ai, ai! Quebrou?

LAURA
Agora é igual a todos os outros cavalos.

JIM
Perdeu o. . .

LAURA
O chifre!
Não faz mal! Quem sabe é uma bênção disfarçada?. . .

JIM
Você nunca me perdoará! Aposto que era seu bichinho favorito!

LAURA
Não tenho muito disso, de favoritos. Não é nenhuma tragédia, bobagem.
Vidro quebra à toa! por mais cuidado que a gente tome!
O tráfego da rua faz as prateleiras vibrarem e os objetos caem.

JIM
Mesmo assim, sinto muito, sinceramente, que eu fosse a causa. . .

LAURA *(Sorrindo)*
Farei de conta que ele foi operado.
Tiraram-lhe o chifre para ele ficar menos. . . monstruoso!

(Ambos riem.)

Agora ele vai se sentir mais à vontade com os outros cavalos, os que não têm chifres. . .

JIM
Ha, ha! Que engraçado!

(Repentinamente sério.)

Fico contente em ver que você tem senso de humor! Sabe de uma coisa? Você. . . é. . . como direi? diferente. . .

Surpreendentemente diferente de qualquer outra pessoa que conheço!

(Sua voz se torna terna e hesitante, com emoção genuína.)

Você se incomoda de eu lhe dizer isso?

(LAURA *está confusa a ponto de perder a fala.)*

Quero dizer diferente de uma maneira agradável.

(LAURA *acena com a cabeça que sim, timidamente, olhando para o lado.)*

Você me faz sentir como se. . . nem sei como dizer! Geralmente, tenho muita facilidade em expressar-me mas. . .
O que eu sinto agora realmente não sei expressar!

(LAURA *toca a própria garganta e pigarreia — vira o unicórnio quebrado entre seus dedos.)*

(Com voz ainda mais terna.)

Alguém já lhe disse alguma vez que você *é* bonita?

(Pausa: Música)

(LAURA *ergue o rosto lentamente, admirada e depois sacode a cabeça.)*

Pois você é! De maneira muito diferente de todas as outras pessoas.
E essa diferença *é* toda a seu favor!

(Sua voz se torna baixa e rouca, LAURA *vira-lhe as costas, quase desmaiando sob o impacto de suas emoções inéditas.)*

Eu quisera que você fosse minha irmã. Eu lhe ensinaria logo a ter confiança em si mesma. As pessoas diferentes não são como as outras, mas ser diferente não é vergonha para ninguém. Porque afinal as outras pessoas não são assim tão formidáveis! São iguais a milhares e milhares, mas você é uma entre mil, é a única! Os outros perambulam pela Terra inteira, você não sai daqui. Eles existem aos montes, como erva daninha, mas você. . . bem, você *é rosas azuis!*

IMAGEM NA TELA: *"Rosas azuis*

(A música muda)

LAURA
Mas. . . não existem rosas azuis!

JIM
No seu caso, existem! Você é bonita!

LAURA
De que forma sou bonita?

JIM
De todas! Acredite! Seus olhos. . . seu cabelo. . . lindos! Suas mãos também!

(Ele segura a mão dela.)

Você deverá estar pensando que estou fingindo tudo isso porque fui convidado para jantar e tenho que ser agradável. Isso até que seria fácil de fazer! Eu podia representar o tempo todo diante de você, Laura, fazer muitos elogios sem sinceridade nenhuma. Mas desta vez estou falando sério. Estou falando com você sinceramente. Notei, por acaso, que você tem esse complexo de inferioridade que a impede de se sentir à vontade na presença de estranhos. Alguém tem que reforçar sua confiança em si mesma e torná-la orgulhosa de si mesma em vez de ternamente acanhada, esquiva. . . corando por qualquer coisa. . .
Alguém devia é. . . de. . .
Devia é de. . . *beijá-la,* Laura!

(A mão dele desliza lentamente pelo braço dela em direção ao ombro.)

(A música aumenta tumultuosamente)

(De repente ele a faz *virar-se e a beija nos lábios.)*

(Quando ele a solta de seu braço, LAURA *afunda no sofá com uma expressão mesclada de espanto e de deslumbramento.)*

(JIM *recua e procura nos bolsos um cigarro.)*

LEGENDA NA TELA: *"Souvenir"*

Eu sou um trapalhão!

(Acende um cigarro, evitando o olhar de LAURA)

(Ouve-se uma sonora gargalhada juvenil de AMANDA *na* kitchenette.)

(LAURA *lentamente se levanta e abre a mão, que ainda contém o animalzinho de vidro partido. Ela o contempla com uma expressão terna e confusa.)*

JIM
Trapalhão!
Eu não devia ter feito isso! Foi uma loucura como outra qualquer!
Você não fuma, não é?

(Ela olha, para ele sorrindo, sem ouvir a pergunta. Ele se senta a seu lado um tanto cautelosamente. Ela olha para ele silenciosamente — à espera.) Ele tosse decorosamente e se afasta um pouco dela, ao examinar a situação, e intui as emoções de LAURA *obscuramente, sem perturbar-se.)*

(Com ternura.)

Você quer .. . um *drops* de hortelã?

(Ela não parece ouvi-lo mas seu olhar se torna ainda mais brilhante.)

É de menta. . . *Life-Saver*. . .
Meu bolso é uma - verdadeira confeitaria. . . A todos os lugares que eu vou. . .

(Ele joga um drops *na boca. Em seguida engole em seco e decide falar claro de uma vez. Fala lenta e cautelosamente.)*

Laura você sabe, se eu tivesse uma irmã como você, eu procederia exatamente como o Tom. Convidaria amigos meus. . . para apresentá-los a você. Rapazes, escolhidos. . . à altura de apreciá-la.

Mas no meu caso. . . bem, ele se enganou a meu respeito.
Talvez eu não tenha motivo para dizer isto. Talvez não tenha sido essa a intenção ao convidarem-me aqui. Mas se tiver sido?
Não tem nada de mais. A única dificuldade é que no meu caso. . . eu não estou absolutamente em condições. . . de proceder como se deve.
Não posso anotar seu número de telefone e prometer que vou telefonar-lhe. Não posso chamá-la a semana que vem e. . . marcar um encontro.
Pensei que era melhor eu explicar logo a situação no caso de você compreender mal minha maneira de agir. . . e se sentisse ferida com isso. . . *(Pausa.)*

(Lenta, muito lentamente, a expressão de LAURA *muda, seus olhos vagarosamente olham primeiro para ele e depois para o ornamento que ainda tem na mão.)*

(AMANDA *ri ainda sonoramente na cozinha.)*

LAURA *(Com um fio de voz)*
Você. . . não me visitará mais?

JIM
Não, Laura, não posso.

(Levanta-se do sofá.)

Como eu estava explicando, eu... estou amarrado.
Laura, eu. . . estou de namoro firme!
Saio todo santo dia com uma moça chamada Betty. É uma moça caseira, como você, católica, filha de irlandeses. Nós. . .nos damos muito bem mesmo. . .
Eu a conheci no verão passado, num passeio de barco, à luz do luar, subindo o Rio Alton, a bordo do *Majestic*. . .
Bem e logo no princípio, fulminante. . . foi amor à primeira vista!

LEGENDA: *"Amor!"*

(LAURA *baqueia ligeiramente para a frente e segura-se ao braço do sofá. Ele não nota esse gesto, preso à sua comodidade estática.)*

Desde que estou amando sou um homem novo, sabe?
(Inclinando-se rigidamente para a frente, agarrando-se ao braço do sofá, LAURA *debate-se visivelmente em meio à tempestade pessoal que a assalta. Mas* JIM *olvidou-se dela, para ele ela está a quilômetros de distância.)*

O poder do amor é uma coisa fantástica!
O amor é uma coisa. . . que muda o mundo todo, Laura!

(A tempestade amaina um pouco e LAURA *se recosta no sofá. Ele então nota sua presença novamente.)*

Aconteceu que a tia de Betty ficou doente, ela recebeu um telegrama e teve que viajar para Centrália. Por isso, quando o Tom. . . quando ele me convidou para jantar. . . eu, naturalmente, aceitei o convite, sem saber que você. . . que ele. . que eu. .

(Pára, *gauche.)*
Humm. .. eu sou um trapalhão mesmo!

(Afunda novamente no sofá.)

(As velas votivas no altar do rosto de LAURA *foram sopradas. Ela denota uma expressão de quase infinita desolação.)*

(JIM *a contempla inquieto.)*

Eu quisera. . . que você dissesse alguma coisa, Laura! *(Ela morde os lábios, trêmula e, corajosamente, consegue sorrir. Abre a mão novamente que continha o ornamento de vidro partido. Então, suavemente, toma a mão de* JIM *e a alça ao nível da sua. Cuidadosamente, coloca o unicórnio na palma da mão dele, fechando-lhe os dedos sobre o bibelô.)* Por que você. . . está fazendo isso? Quer que eu fique com ele? Laura! *(Ela acena que sim com a cabeça.)* Para quê?

LAURA
Uma — lembrança...

(Ela se levanta, insegura, e se curva ao lado da vitrola para dar-lhe corda.)

LEGENDA NA TELA: *"As coisas têm uma tendência para acabar mal!"* OU A IMAGEM: *"O cavalheiro de visita acena adeus . . .. com brio!"*

(Nesse momento AMANDA *entra, afobada e risonha, na sala da frente. Traz uma jarra de ponche de fruta, uma jarra antiquada de cristal e um prato de* petis-fours. *O prato tem a borda dourada e papoulas pintadas.)*

AMANDA
Pois ora muito bem! A temperatura está delicada depois do chuvisco, não?
Fiz para a mocidade um refresquinho.

(Voltando-se alegremente para o cavalheiro de visita.)

Jim, você conhece aquela canção da limonada?

Limonada, limonada,
Feita com açúcar e água
Serve pra qualquer moça
Que ficou para titia!

JIM *(Pouco à vontade)*
Há, há! Não, nunca ouvi antes. . .

AMANDA
Ué, Laura! Você está tão séria!

LAURA
Estávamos tendo uma conversa séria!

AMANDA
Muito bem! Agora vocês se conhecem melhor!

JIM *(Inseguro)*
Ha, ha! É isso mesmo.

AMANDA
Vocês, jovens de hoje, são de índole muito mais séria do que a minha geração. Eu era tão alegre quando era mocinha!

JIM
A senhora não mudou *nada,* Sr.a Wingfield.

AMANDA
Esta noite sinto-me rejuvenescida! É a alegria deste acontecimento, Sr. O'Connor!
(Ela atira a cabeça para trás, rindo com gosto. Derrama um pouco de limonada.)
Ohhh! Estou me batizando de novo!

JIM
Deixe que eu. . .

AMANDA *(Colocando a jarra sobre a mesa)*
Pronto! Descobri que tínhamos cerejas em marasquino.
E misturei com a limonada, com suco e tudo!

JIM
Não precisava ter tanto trabalho, Sra. Wingfield!

AMANDA
Trabalho? Trabalho? Que nada, eu me distraí um bocado!
Não me ouviram brigando lá na cozinha?
Aposto que suas orelhas estavam ardendo, hem? Eu disse ao Tom que estava muito aborrecida com ele por não nos ter apresentado o senhor antes. Ele devia ter convidado o senhor para vir a nossa casa muito antes, mas muito antes mesmo! Bem, agora que o senhor já aprendeu o caminho, espero que venha com freqüência! Não de vez em quando, mas sempre, a qualquer hora.
Oh, nós vamos nos divertir tanto juntos! Parece até que estou vendo!
Humm! Inspire esse ar maravilhoso! Tão fresco e a Lua está tão linda lá fora!
Vou dar uma escapadinha para os fundos. . . conheço meu lugar quando os jovens estão — conversando a sério!

JIM
Oh, por favor não saia, Sra Wingfield. O fato é que eu já tenho que ir andando.

AMANDA
Ir, já? Ora, que brincadeira! Pois se a noite mal começou, Sr. O'Connor!

JIM
Pois é, mas a senhora sabe como são as coisas.

AMANDA
O senhor quer dizer: tem que trabalhar cedo e tem que ter uma disciplina férrea?
Bem, por esta noite deixamos o senhor ir. Mas sob a condição de que da próxima vez o senhor demorará mais.
Que dia é melhor para o senhor? A noite de sábado não é a melhor de todas para quem trabalha?

JIM
Eu na verdade tenho dois relógios de ponto que assinar, Sra Wingfield! Um de manhã e outro à noite.

AMANDA
Puxa, o senhor é *ambicioso,* bem? Trabalha à noite também?

JIM
Não, senhora, não trabalho, mas tenho que me encontrar . . . . com a Betty! *(Ele atravessa a sala deliberadamente para pegar o chapéu. A orquestra do Salão de Danças Paraíso passa a tocar uma valsa terna.)*

AMANDA
Betty? Betty? Quem é. . . Betty?

(Ouve-se um som aziago, no alto, conto se o teto estivesse se partindo.)

JIM
Ah, é uma moça qualquer, a moça de quem sou noivo, só isso! *(Ele sorri sedutoramente. O teto cai.)*

LEGENDA: *"O teto cai"*

AMANDA *(Respirando fundo)*
Ohhh. . . um romance sério, Sr. O'Connor?

JIM
Vamos nos casar no segundo domingo de junho próximo.

AMANDA
Ohhh. . . que bom!
Mas o Tom não disse nada que o senhor estava noivo!

JIM
Bem, eu ainda não abri meu jogo lá no depósito.
A senhora sabe como são os colegas, começam logo com brincadeiras, chamando a gente de Romeu e outras coisas.

(Ele pára diante do espelho oval para colocar o chapéu. Cuidadosamente ajusta a aba e a parte superior para dar ao chapéu um efeito discretamente arrasador.)

Foi uma noite maravilhosa, Sra Wingfield. Acho que foi um exemplo do que se chama verdadeira hospitalidade sulista.

AMANDA
Ora, não foi nada!

JIM
Espero não dar a impressão de sair correndo. Mas eu prometi a Betty que ia buscá-la na estação em Wabash e até eu conseguir meu calhambeque chegar lá, o trem já estará chegando. Algumas mulheres ficam furiosas se têm que esperar um pouco.

AMANDA
Eu sei. . . a tirania feminina!

(Estendendo-lhe a mão.)

Adeus, Sr. O'Connor!
Desejo-lhe boa sorte. . . e felicidades. . . e sucesso na vida!
Tudo isso é o que desejamos para o senhor, Laura também, não é, Laura?

LAURA
Claro!

JIM *(Apertando-lhe a mão)*

Adeus, Laura. Pode ficar certa de que guardarei aquela lembrança como um tesouro raro. E não se esqueça dos bons conselhos que lhe dei, hem?

(Eleva a voz, tornando-a um brado cheio de alegria.)

Até logo, Shakespeare!
Muito obrigado a ambas de novo! Boa noite!

(Ele sorri e com garbo se abaixa junto à porta para sair.)

(Ainda com uma careta de coragem, AMANDA *fecha a porta detrás do cavalheiro de visita. Em seguida vira-se para o quarto dos fundos com uma expressão de confusão no rosto. Ela e* LAURA *não ousam defrontar-se.* LAURA *se abaixa junto à vitrola para dar-lhe corda.)*

AMANDA *(Com voz fraca)*
As coisas têm uma tendência para acabar mal!
Se fosse eu, não tocaria vitrola agora.
Mas ora vejam. . . quem diria, hem?
Nosso cavalheiro de visita é noivo, para casar!
Tom!

TOM *(Dos fundos)*
Que é mamãe?

AMANDA
Venha aqui um minuto. Quero lhe contar uma coisa engraçadíssima.

TOM *(Entra com o bolso e um copo de limonada)*
O cavalheiro de visita já deu o fora?

AMANDA
O cavalheiro de visita fez uma despedida célere. Que brincadeira formidável você nos pregou, hem?

TOM
Eu, como assim?

AMANDA
Você não nos contou que ele era noivo.

TOM
Jim? Noivo?

AMANDA
Foi o que ele acabou de nos informar.

TOM
Não brinque! Quero ser mico de circo!
Eu não sabia de nada!

AMANDA
Parece muito estranho!

TOM
O que há de estranho nisso?

AMANDA
Você não disse que ele era o seu melhor amigo lá na sapataria?

TOM
E é, mas como é que eu ia saber?

AMANDA
Parece extremamente esquisito que você não soubesse que seu melhor amigo estava para se casar!

TOM
A sapataria é o lugar onde eu trabalho, mamãe, e não onde me contam a vida alheia.

AMANDA
Você nunca sabe de nada! Você vive num mundo de sonhos, fabricando ilusões!

(Ele atravessa a sala em direção à porta.)

Aonde é que você vai?

TOM
Vou ao cinema.

AMANDA
Faz muito bem, depois que já nos fez passar por idiotas! Os esforços, os preparativos, a despesa toda! O abajur novo, o tapete, as roupas de Laura! Tudo isso para quê? Para receber o noivo de outra moça!

Vá ao cinema, vá! Não pense em nós, sua mãe abandonada, sua irmã solteirona que é aleijada e não tem emprego! Não deixe que nada interfira nos seus prazeres egoístas! Vá logo, vá, vá, vá ao cinema!

TOM
Está bem, vou mesmo! Quanto mais você solta impropérios contra o meu egoísmo mais depressa eu vou-me embora, e não é para o cinema, não, senhora!

AMANDA
Pois vá. Pode ir até à Lua. . . "seu" sonhador egoísta!

(TOM joga *o copo ao solo. Sai correndo pela escada de incêndio, batendo* a *porta com estrondo.* LAURA *grita, mas seu grito é abafado pelo bater da porta.)*
(Ouve-se a música do salão de danças. TOM *vai até à murada e segura-se* a *ela desesperadamente, erguendo o rosto banhado pelo luar pálido e glacial, que penetra no desfiladeiro estreito do beco.)*

LEGENDA NA TELA: *"E agora. . . Adeus..."*

(As palavras finais de TOM *sincronizam-se com* a *pantomima no interior do apartamento. A cena interior é representada como se fosse vista através de um vidro à prova de som.* AMANDA *parece estar consolando* LAURA *com palavras.* LAURA *está empolada sobre o sofá. Agora, que não podemos ouvir* o *monólogo de* AMANDA, *ela perdeu seu aspecto tolo e surge como uma figura dotada de dignidade e de uma beleza trágica. O cabelo escuro de* LAURA *oculta sua face até o final da fala de sua mãe, quando ela ergue o rosto sorrindo para* AMANDA. *Os gestos de* AMANDA *são lentos e cheios de graça, quase como* os *de uma dançarina, enquanto conforta a filha. Ao terminar de falar, olha um momento* para *a fotografia do pai — e depois se retira pelos reposteiros. Ao terminar* a *fala de* TOM, LAURA *sopra* a *vela, encerrando a peça.)*

TOM
Não fui para a Lua. Fui para muito mais longe. . . pois o tempo é a distância maior que existe entre dois lugares..
Pouco depois daquela noite, fui despedido por escrever poemas na tampa de uma caixa de sapatos.
Parti de São Luís. Desci os degraus desta escada de incêndio pela última vez e segui, daí em diante, os passos de meu pai, tentando encontrar no movimento, na mudança, o que eu perdera no espaço. . . Viajei bastante por esse mundo afora. As cidades giraram em torno de mim como folhas mortas caindo, folhas de cores deslumbrantes mas cortadas de seus ramos.
Muitas vezes eu quis me deter, mas era impelido para diante por alguma coisa.

Era algo que me colhia sempre de surpresa, de repente. Talvez fosse uma melodia conhecida, talvez fosse apenas um pedaço de vidro transparente. . .
Ou, às vezes, estou andando por uma rua, à noite, numa cidade desconhecida, antes de encontrar amigos ocasionais. Passo pela vitrina iluminada de uma loja de perfumes. A vitrina está cheia de pedacinhos de vidro colorido, garrafas pequenas, transparentes, de cores delicadas, fragmentos de um arco-íris destruído. . .
Então, repentinamente, minha irmã toca meu ombro. Volto-me e a olho fundo nos olhos.
Oh, Laura, Laura! Tentei tanto deixá-la para trás, no passado, mas *eu lhe* tenho sido mais fiel do que pretendia!
Tiro um cigarro do maço, atravesso a rua, vou ao cinema ou entro num bar, bebo qualquer coisa, falo com o estranho que me está mais próximo — faço qualquer coisa para apagar as velas que você acendeu!

(LAURA *curva-se sobre as velas.)*

pois hoje em dia é *o* relâmpago que ilumina o mundo! Sopre suas velas, Laura, e agora. . . adeus!

(Ela sopra as velas, apagando-as.)

A cena se dissolve.